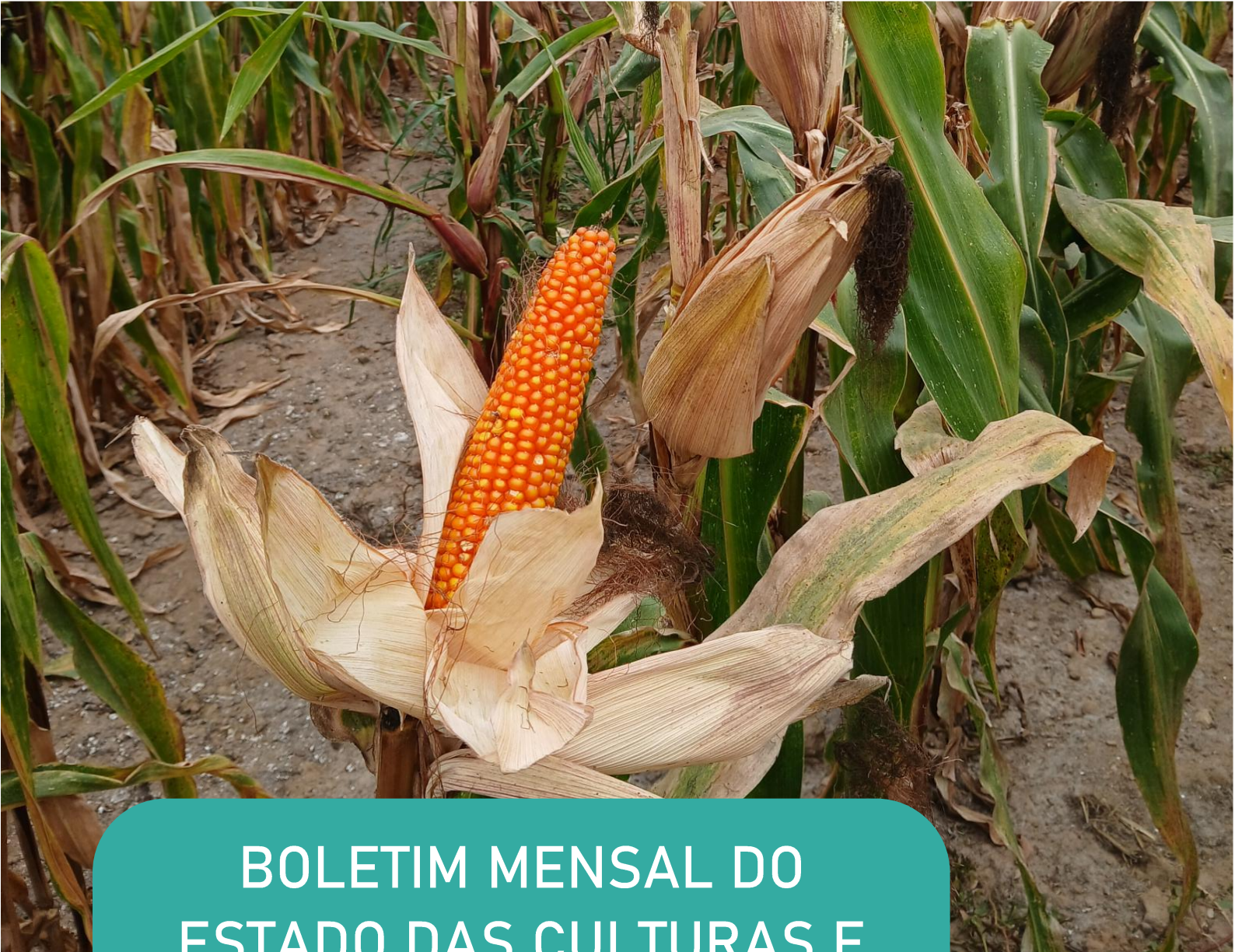




BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

AGOSTO DE 2026

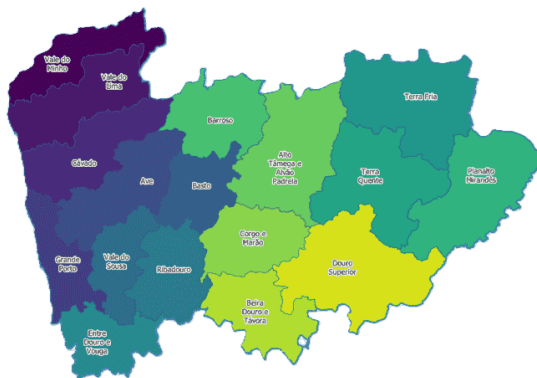
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e econômicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção econômica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

Nota: As zonas homogéneas da Beira Douro e Távora, Corgo e Marão e Douro Superior surgem englobadas na designação "Douro Sul".

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessaís – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

(+ 351 278 260 900 * agrodigital.sia@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccd-r-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas>

Capa: Milho grão-amarelo, de sequeiro, variedade “Belgrano” – ciclo 200, semeado em meados de abril, pronto a colher, Sta Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

As primeiras três semanas do mês foram marcadas por calor extremo e baixa humidade persistente, com noites geralmente quentes, tendo ficado mais frescas a partir de dia 19. A partir dessa data há registos de chuva, vento, trovoada e alguns episódios de queda de granizo e chuva forte, um pouco por toda a Região Norte. Esta precipitação ajudou a repor a humidade dos solos, minimizando o efeito do stress hídrico e térmico a que as plantas estiveram sujeitas durante longos períodos (em particular as culturas de sequeiro), mas aumentaram o risco de podridões nas culturas permanentes, sobretudo na vinha.

As sucessivas ondas de calor nos meses de julho e agosto provocaram escaldões em algumas culturas, como a vinha e diversas fruteiras e conduziram a falhas de desenvolvimento e quebras de produtividade em outras, como o milho e certas culturas forrageiras. Observou-se o adiantamento do ciclo vegetativo em várias culturas – vinha, kiwi, mirtilos, figos, entre outras – forçando a antecipação de diversas colheitas, com repercussão ao nível das produtividades e dos rendimentos dos produtores agrícolas.

As condições extremas favoreceram mais uma vez os incêndios florestais em vários concelhos de Trás-os-Montes, responsáveis pela destruição de culturas, pastagens, apiários, armazéns e infraestruturas de apoio à atividade agrícola. A precipitação da última semana ajudou a combater estes incêndios, que atingiram grandes proporções.

As barragens hidroagrícolas registaram no final do mês, níveis de água particularmente baixos, que se aproximam dos valores de 2022, ano considerado pelo IPMA o mais quente alguma vez registado em Portugal Continental desde 1931. Importa por isso reequacionar a gestão dos recursos hídricos, minimizando potenciais falhas num futuro próximo.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	7
1.1	Entre Douro e Minho	7
1.1	Trás-os-Montes	10
2	<i>Fitossanidade</i>	21
2.1	Entre Douro e Minho	21
2.2	Trás-os-Montes	22
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	26
3.1	Entre Douro e Minho	26
3.2	Trás-os-Montes	27
4	<i>Milho grão de Sequeiro Regadio</i>	28
4.1	Entre Douro e Minho	28
5	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	31
5.1	Entre Douro e Minho	31
5.2	Trás-os-Montes	31
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	32
6.1	Entre Douro e Minho	32
6.2	Trás-os-Montes	32
7	<i>Fruticultura</i>	35
7.1	Entre Douro e Minho	35
	Actinídeas (Kiwi)	35
	Castanheiros, Nogueiras,	36
	Citrinos	38
	Figueiras	38
	Mirtilos	38
	Pessegueiros	38
	Pomóideas	39
7.2	Trás-os-Montes	40
	Amendoeiras, Aveliras, Castanheiros, Nogueiras, Pistachos	40
	Ameixeiras, Pessegueiros	49

Figueiras	50
Mirtilos	51
Pomóideas	53
Sabugueiros	56
8 Vinha	57
8.1 Entre Douro e Minho	57
8.2 Trás-os-Montes	61
9 Olival	65
9.1 Entre Douro e Minho	65
9.2 Trás-os-Montes	65
10 Prados, pastagens e culturas forrageiras	69
10.1 Entre Douro e Minho	69
10.2 Trás-os-Montes	70
11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção	76

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*

O estado do tempo, durante o mês de agosto, caracterizou-se na generalidade por temperaturas médias a elevadas, com humidade relativa baixa, noites quentes, alguma neblina matinal, mas noites ligeiramente mais frescas a partir de dia 19 e, no dia 23, queda de chuva, vento e trovoadas, aliviando no final do mês. A partir de dia 20 verificou-se uma inversão das condições meteorológicas, com descida acentuada das temperaturas e regresso da precipitação. Nos dias 24, 26 e 27 de agosto, o Minho esteve, inclusive, sob aviso amarelo devido à possibilidade de chuva intensa localmente, trovoadas, granizo e vento forte – condições que se vieram a confirmar.

Esta alteração foi favorável à reposição da humidade dos solos e à redução das necessidades de rega, embora a ocorrência de chuva e humidade numa fase avançada do ciclo vegetativo das culturas permanentes possa aumentar a pressão de algumas doenças, como a Podridão na uva para vinho, que está na fase da colheita.

As temperaturas muito elevadas provocaram escaldão em algumas vinhas, embora com danos pouco significativos.



Figura 1. Vinha da casta "Alvarinho" afetada por escaldão, Pias – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 2. Vinha da casta “Loureiro” com sintomas de escaldão em cachos mais expostos ao sol, zona de observação do Vale do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 3. Escaldão em videiras da casta “Loureiro”, em vinha de sequeiro com exposição a sul. Nesta casta, a avaliação recente do grau alcoólico indica 13° em Vale de Cambra, Entre Douro e Vouga

Foto por: António Fonseca

A persistência de baixos teores de humidade no solo, associada às condições de seca identificadas pelo IPMA, tem provocado elevados índices de stress hídrico nas culturas de sequeiro. Em algumas searas de milho para grão, sobretudo nas de instalação mais tardia, verificam-se falhas no desenvolvimento reprodutivo, traduzidas na formação de espigas de reduzida dimensão ou mesmo na sua inexistência. As baixas produtividades obtidas nos últimos anos no milho de sequeiro, obrigaram os produtores a escolher terras mais profundas e a abandonar parcelas com solos mais fracos.



Figura 4. Milho de sequeiro cujo desenvolvimento vegetativo foi afetado pela falta de água, Pias – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 5. Macieira com frutos afetados por escaldão, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

As culturas de regadio também têm sido afetadas, uma vez que a humidade atmosférica tem sido muito baixa e a rega não tem sido suficiente para garantir o normal desenvolvimento vegetativo das plantas.

De referir que estas condições foram globalmente semelhantes às verificadas em igual período do ano anterior, assim como a sua influência nas culturas.

Verifica-se um adiantamento do ciclo vegetativo, designadamente na vinha e no kiwi, com antecipação da data de início das vindimas.

Não há restrições nas atividades pecuárias e no abeberamento animal.

As reservas de água estão em valores bastante baixos, com agravamento do défice hídrico nos solos e houve fiscalização, por parte das entidades competentes, dos caudais das principais linhas de água que atravessam a região, bem como da sua extração para rega.

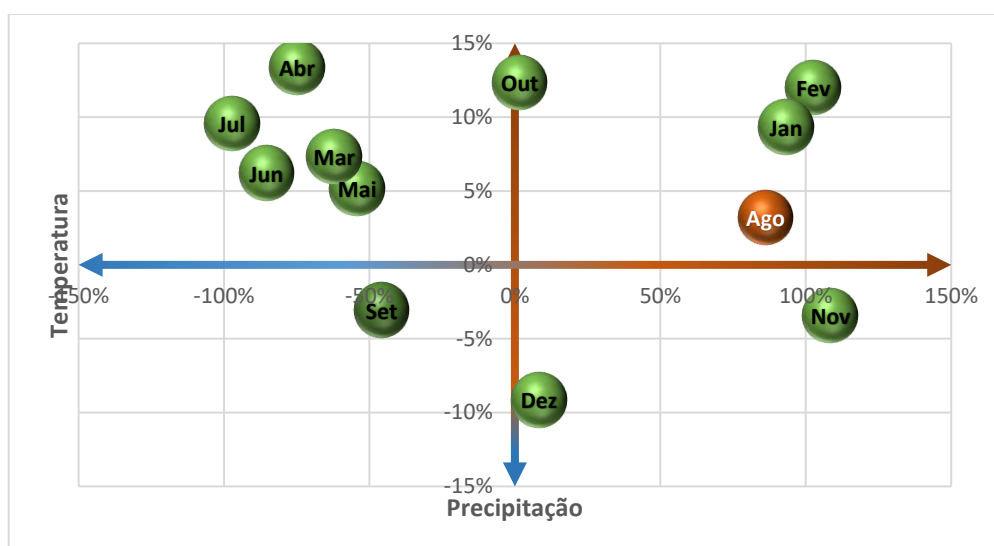


Figura 6. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes

As sucessivas ondas de calor que este ano assolaram a Europa também se têm feito sentir em Portugal Continental, com particular incidência na Região Norte do país. Nas primeiras 3 semanas de agosto as condições meteorológicas mantiveram-se iguais às do mês anterior, com temperaturas extremamente elevadas e precipitação quase nula. Estas condições potenciaram o alastrar de grandes incêndios florestais, que dizimaram parcelas e estruturas de apoio à atividade agrícola e restringiram o uso de água.

Em campo observaram-se castanheiros para produção de fruto, oliveiras, amendoeiras, vinhas, vários tipos de fruteiras, pastagens, armazéns agrícolas e apiários completamente destruídos pelo fogo. Existem relatos de produtores que referem terem-lhes ardido fardos de feno e de palha que estavam nas parcelas ou mesmo nos armazéns. Os incêndios mais graves registaram-se nos concelhos de Alijó, Boticas, Chaves, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Montalegre, Mirandela, Torre de Moncorvo, Valpaços, Vila Flor, Vila Real e Vinhais, havendo necessidade de evacuar algumas localidades.



Figura 7. Olival ardido no incêndio de 31.07.2026, Rebordelo - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 8. Apiário destruído pelo fogo, Moimenta - Vinhais



Figura 9. Vinha ardida no concelho de Valpaços

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 10. Retroescavadora ardida, Valpaços

As temperaturas máximas atingiram valores de 40°C em ambos os distritos transmontanos, ficando abaixo dos 30°C na última semana, quando também se registaram descidas nas temperaturas noturnas.

A meados do mês registaram-se alguns aguaceiros pontuais, acompanhados de queda de granizo nos concelhos de Sabrosa e Bragança, causando danos localizados em culturas como a vinha e as hortícolas e a partir de dia 24 as temperaturas desceram consideravelmente e choveu por toda a região, contribuindo para refrescar o tempo, aliviar o stress hídrico das plantas e auxiliar no combate aos incêndios ativos.

As temperaturas máximas e mínimas foram superiores às normais climatológicas, com uma anomalia térmica positiva de mais de 1,5°C acima da média climatológica, segundo o IPMA, levando à emissão de avisos de escaldão para as principais culturas permanentes da região.



Figura 11. Alguns dos avisos agroclimáticos emitidos pelo IPMA ao longo do mês de agosto

A **Evapotranspiração de Referência (ETo)**¹ manteve-se elevada e com valores máximos idênticos aos do mês anterior – 5,9mm no distrito de Vila Real e 7,0mm no distrito de Bragança.

Os níveis de água no solo foram particularmente baixos, embora a precipitação do final do mês tenha permitido uma recuperação considerável, em particular à superfície.

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

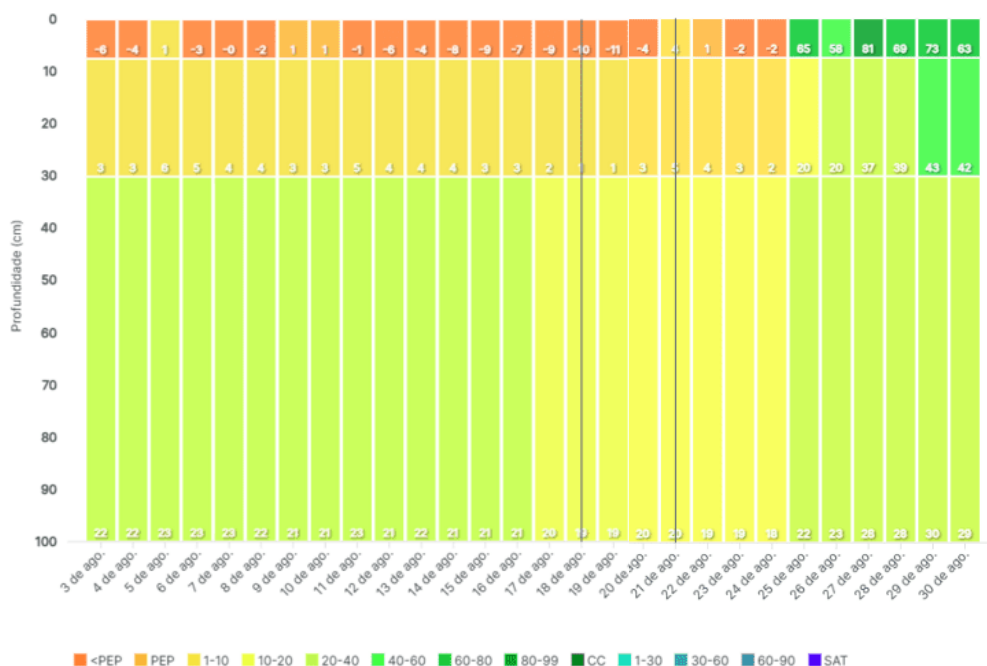


Figura 12. Teores de água no solo no distrito de Vila Real, durante o mês de agosto
Fonte: IPMA

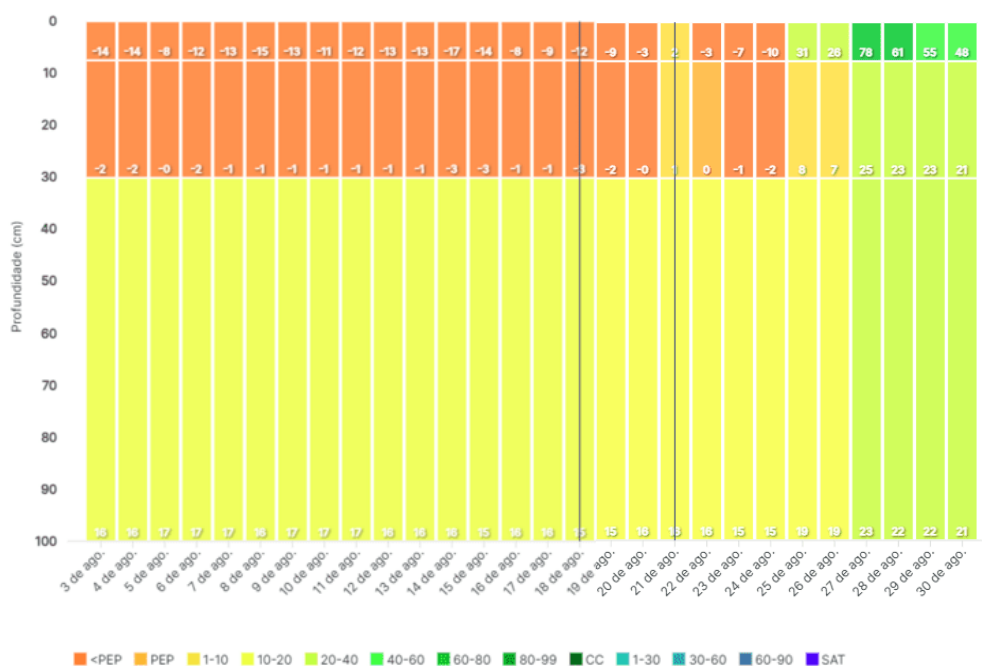


Figura 13. Teores de água no solo no distrito de Bragança, durante o mês de agosto
Fonte: IPMA

A título de curiosidade, referimos que o Nordeste Transmontano foi recentemente palco de muitas atenções, por ter sido a região de Portugal onde se presenciou, no dia 12 de agosto, o primeiro eclipse total visível em solo nacional desde 1912.

A linha de totalidade atravessou a zona norte dos concelhos de Bragança e de Vinhais, ambos inseridos no Parque Natural de Montesinho, com especial destaque ao longo do eixo fronteiriço de Rio de Onor a Guadramil.



Figuras 14 e 15. Eclipse total do sol, 12.08.2026, Aeródromo de Bragança

Fotos por: Fernando Pimparel (imagens disponíveis na web)

Os pontos mais altos da área de observação foram os escolhidos, pela população local e por visitantes, para observação deste fenómeno astronómico.

Em muitos locais do **Planalto Mirandês** a disponibilidade hídrica no campo é muito baixa, pelo que os produtores pecuários alegam ter dificuldade em providenciar água aos animais, recorrendo para o efeito a veículos com cisternas ou tanques. Embora ainda existam boas reservas de água nas barragens, reservatórios, charcas, furos e poços, o caudal nos ribeiros e regatos é praticamente nulo.



Figuras 16 e 17. Charca em Castelo Branco, em 10.08.2026, a pelo menos 80% de capacidade, com pormenor de mangueira de adução, cujo abastecimento se faz mecanicamente através de furo artesiano (lençol freático), Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Com o passar do tempo a situação de seca à superfície do solo vai-se agravando, apesar de os pequenos poços destinados à rega ainda conseguirem repor os seus níveis.



Figura 18. Poço comunitário utilizado na rega de hortas familiares, após utilização (capaz de repor o nível), Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 19. Leito seco do Ribeiro do Cachão, Penas Roias, Mogadouro

No **Douro Sul**, o desenvolvimento das culturas permanentes foi afetado pelo stress hídrico, sendo possível encontrar, um pouco por todo o lado, videiras com os cachos desidratados ou escaldados, maçãs com calibres mais pequenos e azeitonas com um desenvolvimento mais lento.



Figura 20. Cachos de uvas desidratados, 20.08.2026, Alvações do Tanha – Peso da Régua

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 21. Cacho desidratado, 20.08.2026, Parada do Bispo – Lamego

Na **Terra Fria** foi possível observar ao longo do mês diversas culturas em stress hídrico, uma IPMA dizem-nos que o Norte do país se apresenta em seca fraca/moderada, sob o ponto de vista agrícola e de escassez de água no solo, com stress hídrico elevado e crítico.

Com o decorrer dos dias, a ausência de precipitação e as temperaturas elevadas contribuíram para a queda dos ouriços e das azeitonas, comprometendo também a engorda das nozes e das amêndoas.

Nas culturas de regadio houve necessidade de intensificar as regas, sempre que a disponibilidade de água permitia. Foi o caso das hortas familiares, da cultura da batata e de determinadas culturas permanentes, como a nogueira, que é extremamente sensível às temperaturas elevadas durante largos períodos e à falta de água no solo.

Os produtores pecuários declaram que já se verifica escassez de água em campo para abeberamento dos efetivos pecuários, mas que por enquanto a situação é considerada normal para a região, nesta época do ano. Relativamente à seca, ainda não se verificaram constrangimentos de maior.

Na barragem de Penas Roias, no **Planalto Mirandês**, é bem visível a descida no nível de aprovisionamento de água (ver fotos 20 e 21). Esta barragem tem dupla função, sendo usada não só para o regadio, como também para o abastecimento da rede pública.



Figuras 22 e 23. Barragem de Penas Roias em 13.07.2026 (esq.) e em 10.08.2026 (dir.), a cerca de 85-80% da sua capacidade (respetivamente), Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Como se pode observar nas fotos 24 a 26, o nível da barragem de Temilobos, em Armamar (no **Douro Sul**), sofreu uma descida bastante acentuada no espaço de dois meses.

A evaporação e a necessidade de assegurar a rega dos pomares da região foram os principais fatores responsáveis por esta quebra, que requer consideráveis volumes de chuva no outono/inverno para a sua reposição.



Figuras 24 a 26. Barragem de Temilobos em 24.06.2026 (esq.), 21.07.2026 (centro) e 20.08.2026 (dir.), Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

As linhas de água na região também apresentam caudais muito reduzidos, com algumas delas a secar completamente. A foto seguinte ilustra a realidade em grande parte do território – neste caso corresponde ao Rio Varosa, cujo caudal na aldeia de Ucanha atravessa normalmente o espaço de margem a margem, mas que este verão apenas mantém um “fio de água” no ponto mais fundo.



Figura 27. Caudal do Rio Varosa, 20.08.2026, Ucanha – Tarouca
Foto por: Suzana Fonseca

Nas barragens da **Terra Fria** monitorizadas pela CCDR Norte a situação atual é a normal para a época do ano, com as barragens de Gostei em Bragança e de Prada em Vinhais a apresentarem menos água armazenada, comparativamente a igual período do ano anterior.



Figura 28. Barragem de Gostei, agosto de 2025, Gostei – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 29. Barragem de Gostei, agosto de 2026, Gostei – Bragança



Figura 30. Barragem de Prada, agosto de 2025, Prada – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 31. Barragem de Prada, agosto de 2026, Prada – Vinhais

As linhas de água permanente dispõem de água corrente, as linhas de água temporárias já secaram. Quando se observam as *agueiras* nos lameiros de regadio, já não é possível observar água corrente.

Segundo declarações dos produtores, os poços, furos e nascentes usados para rega ainda repõem algum nível de água, em menor volume quando comparado com o ano anterior, sendo considerado baixo para esta época do ano.

Os produtores fazem uma gestão mais cuidada do número e da duração das regas, priorizando de acordo com as culturas e as suas necessidades. Neste momento também é visível que os produtores que plantaram castanheiros, amendoeiras, oliveiras e outras fruteiras no último verão, estão a recorrer aos diferentes recursos hídricos existentes na região para encher as cisternas e regar as jovens plantas.

Na **Terra Quente**, a barragem de Vale Madeiro evidencia um nível de água inferior ao registado no ano anterior, com a redução da cota bem patente na maior exposição das margens e das zonas normalmente submersas, indicando uma diminuição significativa da reserva hídrica armazenada.



Figura 32. Barragem de Vale Madeiro, agosto de 2025, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 33. Barragem de Vale Madeiro, agosto de 2026, Mirandela

Consequentemente, sendo o nível da água mais baixo em 2026, o volume útil disponível na barragem é também menor. Esta situação resulta numa redução da capacidade de armazenamento de água, que pode afetar a disponibilidade do recurso para os diversos usos, nomeadamente abastecimento público, rega agrícola e manutenção dos ecossistemas aquáticos.

A descida observada poderá estar associada a fatores como a diminuição da precipitação, o aumento das necessidades de consumo ou a ocorrência de períodos prolongados de temperaturas elevadas, que favorecem a evaporação. Em termos globais, a comparação entre os dois anos evidencia um decréscimo da reserva de água face ao período homólogo analisado.

Como o próprio nome indica, a Terra Quente é uma sub-região em que as temperaturas no verão são particularmente elevadas. Este ano, associadas à falta de precipitação, surgiram inúmeras situações de falta de água e calor em excesso, sobretudo na vinha, onde se observa uma secagem acentuada da folhagem, com numerosas folhas necrosadas e perda significativa da área foliar ativa, reduzindo drasticamente a capacidade fotossintética das plantas e comprometendo a maturação e a qualidade das uvas.



Figura 34. Sintomas de stress hídrico e térmico em videiras, agosto 2026

Foto por: Paulo Guedes

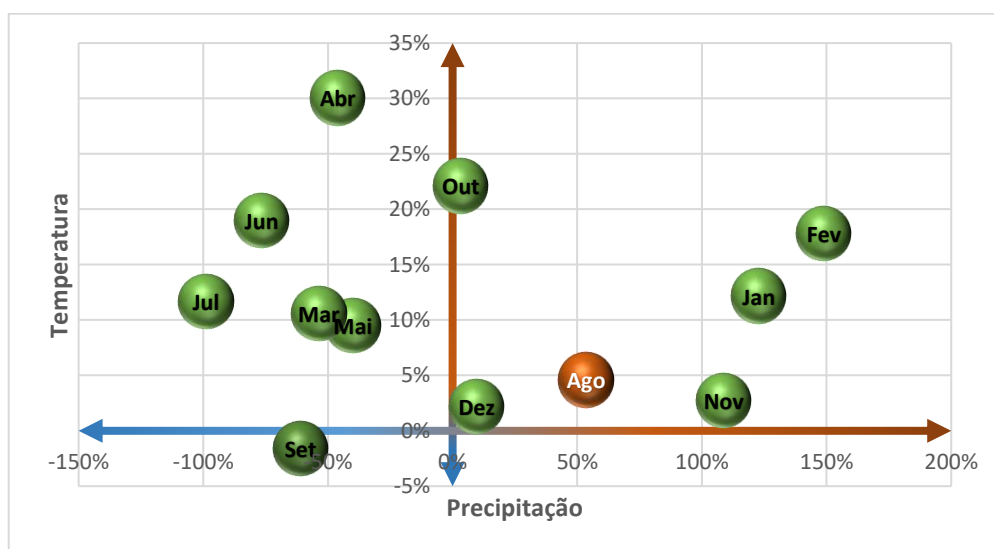


Figura 35. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

As condições quentes e secas contribuíram para limitar o desenvolvimento da maioria das doenças fúngicas. Na vinha, a pressão do Míldio (*Plasmopara viticola*) foi reduzida, mantendo-se apenas a necessidade de vigilância relativamente ao Oídio (*Erysiphe necator*) em parcelas mais sensíveis. Os tratamentos realizados revelaram-se eficazes na manutenção do bom estado sanitário das cultura, havendo contudo registos de um forte ataque de Esca (complexo de fungos como *Phaeomoniella chlamydospora* e *Phaeoacremonium* sp.) na vinha e nos pomares de kiwis, a causar importantes danos económicos. Ainda no kiwi, mantém-se a preocupação associada à Síndrome de “moria” no concelho de Valença, na zona de observação do Minho.

Na última semana, a ocorrência de precipitação trouxe igualmente algumas preocupações do ponto de vista fitossanitário, uma vez que o aumento da humidade nesta época pode favorecer o aparecimento e desenvolvimento de doenças fúngicas e de podridões.



Figura 36. Bagoinha em vinha da casta “Trajadura”, Pias – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 37 e 38. Colheita de material vegetativo para análise, em pomar de kiwi com sintomas compatíveis com a Síndrome de “moria”, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho
 Foto por: Aurora Alves

A Estação de Avisos do EDM emitiu a Circular 12/2026 no dia 24 de agosto, onde – após uma avaliação da situação geral da vinha – são apresentadas as medidas culturais para a Flavescência Dourada (*Grapevine flavescence dorée phytoplasma* FD) e para a Esca, sendo também apresentadas as medidas culturais adequadas à época para os citrinos, as pomóideas, as hortícolas e as ornamentais. Na página 6 são elencados os inseticidas/armadilhas homologados em 2026 para o combate à Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) nos citrinos.

2.2 Trás-os-Montes

Resultado das condições meteorológicas, os principais problemas sanitários encontrados prendem-se com a desidratação e o escaldão das plantas. O controlo das pragas e doenças foi facilitado pelas altas temperaturas, que inibiram o desenvolvimento dos principais fungos. Assinala-se a presença de Bacteriose-da-Nogueira (*Xanthomonas campestris* pv *juglandis*), com potenciais efeitos na produção de noz e de Vespa-da-Galha-dos-Castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*), cuja presença se tem disseminado no território de forma preocupante.



Figura 39. Sintomas de Bacteriose-da-nogueira, 20.08.2026, Britiande - Lamego
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 40. Presença da Vespa-da-Galha-dos Castanheiros em folhas, 20.08.2026, Armamar

Por outro lado, e apesar dos vários alertas e das ações de sensibilização para os cuidados preventivos a ter nas podas e nas mobilizações nos sotos, continuamos a encontrar por toda a região árvores com sintomas de Cancro do Castanheiro (*Cryphonectria parasitica*) e da Doença da Tinta (*Phytophthora cinnamomi*), como se pode confirmar nas fotos 41 e 42.



Figura 41. Castanheiro seco, com sintomas de Doença da Tinta, 20.08.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 42. Castanheiro com ramo seco, sintoma da presença de Cancro, 20.08.2026, Armamar

Em agosto os produtores do **Douro Sul** realizaram operações de despona e desfolha na vinha, bem como algumas mondas de frutos nas pomóideas. Também se assistiu ao controlo da vegetação herbácea, minimizando o risco de incêndio e preparando as parcelas para o início da vindima e da campanha de colheita da maçã.



Figura 43. Monda de frutos em pomar de macieiras, 20.08.2026, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 44. Vinha após despona e controlo de vegetação espontânea, 20.08.2026, Armamar

Na **Terra Fria**, com as temperaturas acima dos 36°C durante vários dias consecutivos, os produtores de nozes recorreram à aplicação de caulino para proteger as plantas, prevenindo o escaldão nas fruteiras e mantendo as plantas em bom estado fitossanitário, para que estas consigam completar o seu ciclo vegetativo.

Observam-se algumas vinhas onde a aplicação de fitofármacos é evidente – as folhas apresentam uma cor azulada, os cachos têm bagos com manchas provocadas pelo Míldio ou mesmo secos. A operação de desfolha é realizada de forma muito cuidada, aliviando a carga vegetal das videiras nas faces expostas a norte e a nascente, mas mantendo as folhas nas faces voltadas a sul e a poente, evitando risco de escaldão dos cachos.

À semelhança de outras regiões, os produtores da **Terra Quente** também se debatem com o Cancro do Castanheiro, que constitui uma séria ameaça à sanidade dos sotos, devido à sua capacidade de disseminação para árvores vizinhas e para novas áreas de produção.

Na ausência de medidas de controlo adequadas, a infeção poderá propagar-se progressivamente, provocando o enfraquecimento, declínio vegetativo e, em casos mais graves, a morte das árvores afetadas.

A disseminação da doença pode resultar em prejuízos económicos significativos para os produtores, quer pela redução da produtividade, quer pela perda de árvores adultas em plena produção. Em situações de forte incidência, existe mesmo o risco de destruição de parcelas inteiras ou de soutos completos, comprometendo a viabilidade económica da exploração e o património castanheiro da região.

Perante este cenário, torna-se fundamental adotar medidas preventivas e de monitorização precoce, nomeadamente a identificação e eliminação atempada dos focos de infeção, a desinfeção dos instrumentos utilizados nas operações culturais, a remoção adequada do material contaminado e o cumprimento das boas práticas fitossanitárias. Quando implementadas numa fase inicial, estas medidas permitem reduzir substancialmente a propagação da doença e evitar intervenções futuras mais complexas, dispendiosas e de difícil execução, assegurando a sustentabilidade desta cultura, com elevada relevância para a região de Trás-os-Montes.



Figura 45. Tratamento efetuado em souto atacado pelo Cancro do Castanheiro

Foto por: Paulo Guedes

A 07 de agosto foram emitidas, pelas Estações de Avisos do Norte Transmontano e do Douro respetivamente, as Circulares 12/2026 e 10/2026, inteiramente dedicadas à cultura da vinha e ao controlo das suas pragas e doenças. A primeira indicação, em ambas as Circulares, prende-se com a realização do terceiro tratamento obrigatório contra a Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*), nomeadamente as freguesias onde deve ser realizado e o intervalo de dados a considerar.

Para além dessa praga, são ainda abordadas a Traça da Uva (*Lobesia botrana*), a Cigarrinha Verde (*Jacobiasca* sp. e *Empoasca* sp.). surge ainda uma nota relativa à Esca da Videira e ao Escaldão das uvas.

No dia 24 de agosto a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu a Circular 13/2026, com informações pertinentes para a prevenção/combate do Bichado da Castanha (*Cydia splendana*, *Cydia fagiglandana* e *Pammene fasciana*) e da Septoriose do Castanheiro.

Das Circulares constam as listas dos produtos fitofármacos homologados para utilizar nas culturas nelas referenciadas, de acordo com o publicado na plataforma SIFITO, da Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV).

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho

As condições meteorológicas favoreceram a maturação e a colheita dos cereais praganosos. A frequência e o acumulado de precipitação no outono e inverno atrasaram e dificultaram a realização das sementeiras, que com redução da área semeada, associada a baixa produtividade, se traduziu numa redução da produção total por comparação com o ano anterior – cerca de -12% na aveia, -4% no centeio e -26% no trigo.

O grão é mais pequeno e tem menor peso específico.

Continuam a registar-se estragos pelo javali em Vale de Cambra e na zona de observação do Ave.

3.2 Trás-os-Montes

No início de agosto deram-se por concluídas as ceifas dos cereais praganosos em Trás-os-Montes, culturas que como foi referido em Boletins anteriores se encontravam em bom estado vegetativo.

No **Planalto Mirandês** registou-se uma ligeira descida na produção de grão face ao ano anterior, mas os calibres e os seus pesos foram aceitáveis.

De momento a palha de trigo apresenta, no mercado regional, uma oferta estável e com preços compreendidos entre 1,5-2,0€/fardo pequeno e 25-35€/fardo grande ou rolo. À palha de centeio podemos somar entre 0,5-1,0€/fardo pequeno e 5,0-10,0€/fardo grande ou rolo.

Neste momento, e visto o alimento na maioria dos pastos estar tão escasso, estes produtos ganham maior importância entre os criadores pecuários.



Figura 46. Rolos de palha de centeio, 10.08.2026, Vila de Ala – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



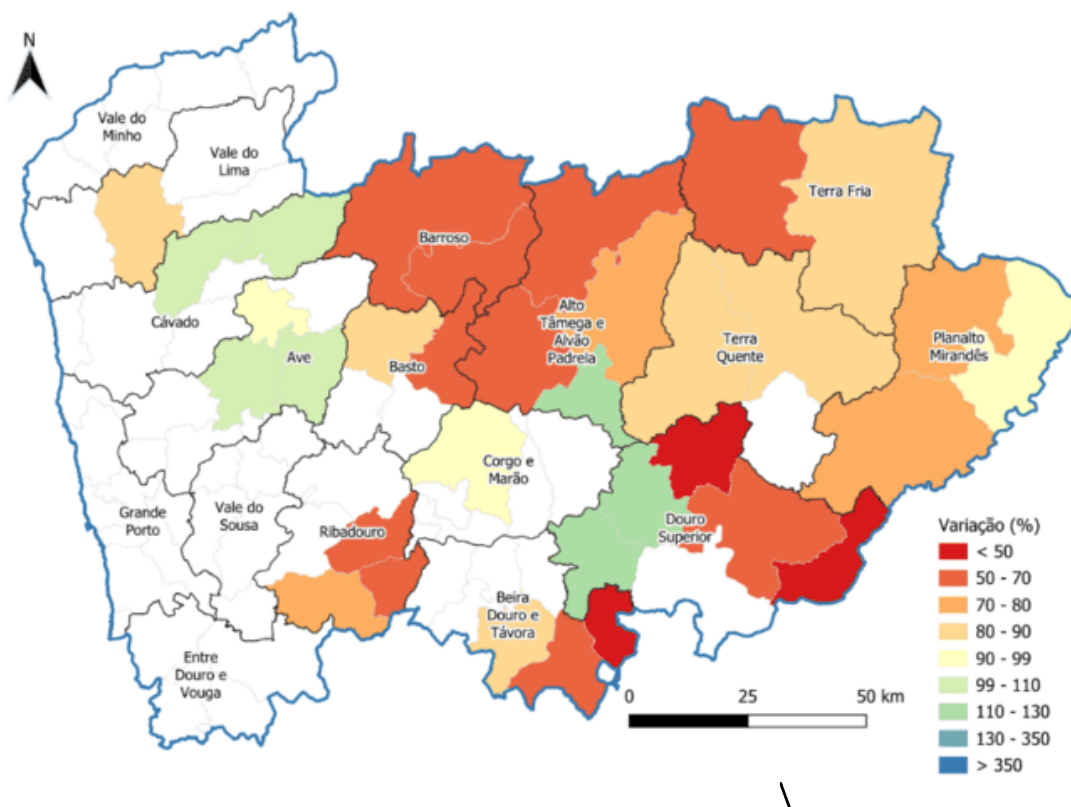
Figura 47. “Pilha” de fardos grandes de palha de tritcale, com boa produtividade, semelhante à dos últimos 2 anos, 10.08.2026, Tó – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Na **Terra Fria**, a ceifa dos cereais decorreu sem percalços e os produtores estão a terminar o acondicionamento e a comercialização dos fardos/rolos de palha.

As produtividades, quer em grão, quer em palha, foram inferiores às do ano anterior e os produtores declaram que esta campanha ficou aquém das expetativas.

A qualidade do grão é razoável, apresentando-se pequeno e com baixo peso específico. As poucas trocas comerciais de grão realizadas são para consumo na alimentação animal. Segundo os produtores de cereais e os proprietários de ceifeiras debulhadoras, esta campanha pode ser classificada como fraca, de modo geral, assumindo valores mais baixos do que aqueles que são considerados a média normal na área de observação.



Mapa 1 – Evolução da produção de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

4 Milho grão de Sequeiro | Regadio

4.1 Entre Douro e Minho

O milho apresenta uma evolução diferenciada entre parcelas, em função da data de sementeira, da disponibilidade de água e do regime de rega da cultura.

Nas parcelas de regadio observa-se um bom desenvolvimento vegetativo, com plantas vigorosas, espigas formadas e na fase de enchimento do grão.



Figura 48. Campo de milho para grão de regadio, com exagerado desenvolvimento vegetativo devido às altas temperaturas. Fase de enchimento do grão, Valongo, zona de observação do Grande Porto

Fotos por: Isabel Correia



Figura 49. Campo de milho de sequeiro, Alfena -Valongo, zona de observação do Grande Porto

Em algumas parcelas de sequeiro ou com menor disponibilidade de água verifica-se maior irregularidade, com sinais de stress hídrico, visíveis no amarelecimento e secagem das folhas basais. Pontualmente também se observa que o pendão (bandeira) foi cortado para alimentação animal. A previsão aponta para uma diminuição da produtividade do milho grão de regadio (-4%) e do milho grão de sequeiro (-3%), por comparação com o verificado no ano passado.



Figura 50. Milho grão branco, de sequeiro, variedade Pioneer B10, ciclo 400, semeado no final de abril, destinado à indústria da panificação, Valongo, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia

Curiosidade:

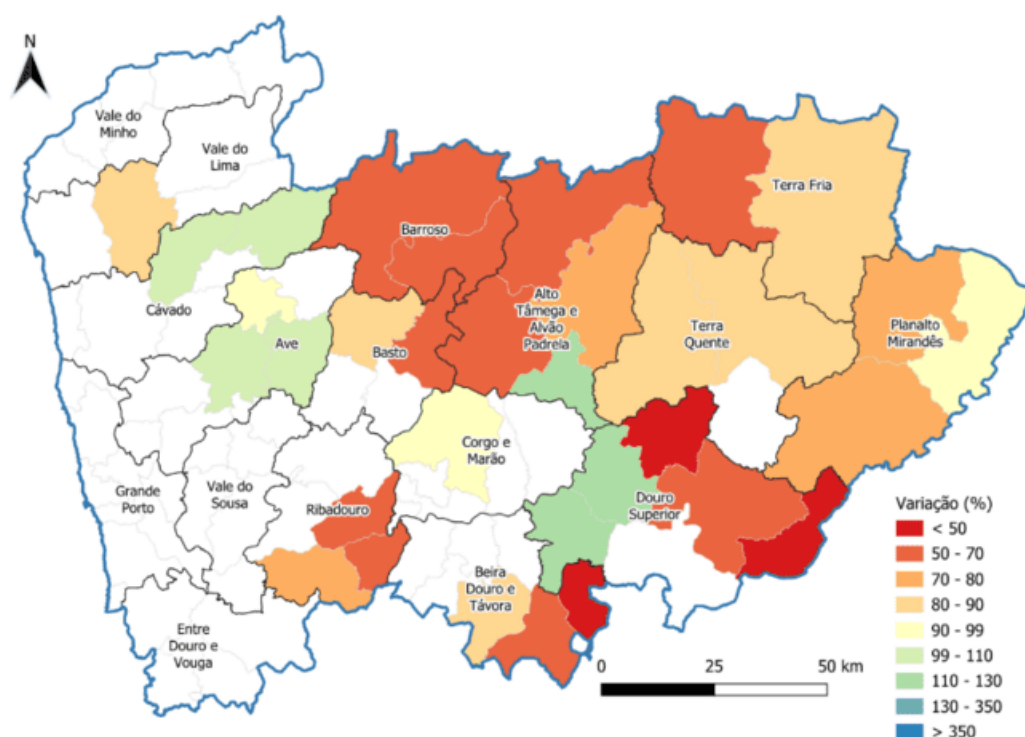
No concelho de Valongo, desde 2025 que se fazem ensaios de produção de cânhamo para fibra e este ano também para produção de semente, com a cultura a apresentar desafios ao nível do corte e colheita da semente.



Figura 51. Aspeto de parcela de produção de cânhamo para fibra, Alfena - Valongo, zona de observação do Grande Porto
Fotos por: Isabel Correia



Figura 52. Pormenor de fibra extraída do caule, com grande resistência



Mapa 2 – Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 *Entre Douro e Minho*

Quanto ao feijão, estima-se uma diminuição da produtividade da cultura (-4%), em relação ao ano passado. O grão apresenta uma boa qualidade, de calibre médio. O feijão que foi semeado mais cedo apresenta melhor calibre e qualidade geral, do que o feijão semeado tardiamente.

5.2 *Trás-os-Montes*

As culturas do feijão e do grão-de-bico na **Terra Fria** estão neste momento a ser colhidas e a campanha decorre sem percalços. Os produtores referem que estas pequenas leguminosas têm este ano o grão mais pequeno que o normal, mas declaram produtividades superiores comparativamente ao ano anterior.

Na **Terra Quente** encontramos áreas semeadas com feijão frade que no ano anterior foram semeadas com cereais de inverno. A rotação de culturas é uma técnica amplamente reconhecida pelos seus benefícios agronómicos e ambientais, permitindo uma melhoria das propriedades do solo, nomeadamente a sua fertilidade, através da fixação biológica do azoto atmosférico e da sua disponibilização para as culturas subsequentes. Simultaneamente, a rotação cultural favorece a melhoria da estrutura do solo, promove a atividade biológica e contribui para a redução da incidência de pragas, doenças e infestantes associadas à monocultura.



Figuras 53 e 54. Parcelas semeadas com feijão frade, sucedendo a uma cultura de cereais de inverno, instalada no ano anterior.

Fotos por: Paulo Guedes

Para além dos benefícios agronómicos, esta opção cultural assume também relevância no âmbito dos apoios à agricultura sustentável, nomeadamente em explorações que praticam o Modo de Produção Biológico. A diversificação das culturas e a introdução de leguminosas constituem práticas valorizadas pelas medidas agroambientais e pelos regimes de apoio à produção biológica, contribuindo para a obtenção de apoios financeiros e para o reforço da sustentabilidade económica da exploração.

Resumindo, a instalação do feijão frade após os cereais de inverno representa uma solução tecnicamente adequada, permitindo não só melhorar as características físicas, químicas e biológicas do solo, mas também aumentar a sustentabilidade do sistema produtivo e beneficiar dos incentivos associados à agricultura biológica.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 *Entre Douro e Minho*

A cultura da batata beneficiou de condições meteorológicas favoráveis ao seu desenvolvimento vegetativo, que também facilitaram o controlo de doenças e pragas durante todo o ciclo produtivo.

A colheita decorreu em boas condições, com tubérculos de boa qualidade comercial e bom estado sanitário, estimando-se uma produção superior à da campanha anterior (+5%) na batata de regadio, mas inferior na batata de sequeiro (-5%).

Os produtores continuam, contudo, a referir limitações na conservação da batata em armazém.

6.2 *Trás-os-Montes*

No **Planalto Mirandês**, as hortas familiares observadas apresentam um bom estado e desenvolvimento vegetativo, devendo-se o facto à existência de água *nestes* locais, contrastando fortemente com o panorama de seca na região. Tal só é possível devido à presença de água nos lençóis freáticos, acompanhada por uma política ancestral de gestão de água, que vai desde a manutenção, armazenamento e partilha de água de regadio dos poços comunitários.

A reposição do nível de água permite a satisfação das necessidades hídricas das plantas, motivo pelo qual a batata de regadio e demais hortaliça – que se verifica ser cada vez mais variada – atingiram níveis de produtividade sensivelmente iguais aos de 2025, providenciando alimento fresco ao produtor durante o período estival.



Figuras 55 e 56. Horta familiar a gozar de bom estado vegetativo, graças ao controlo racional da água, 10.08.2026, Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Agosto no **Douro Sul** permitiu a colheita da batata de regadio (essencialmente para autoconsumo), com boas produções e qualidade. As hortas familiares ainda permitem a colheita de diversas hortícolas, para consumos dos agregados familiares.

A batata de sequeiro na **Terra Fria** já foi colhida. Segundo os produtores a colheita decorreu com normalidade, obtendo-se tubérculos de qualidade razoável e calibre um pouco irregular, à semelhança do ano anterior. Prevê-se que a quantidade de batata de sequeiro seja ligeiramente superior à da campanha de 2025, em cerca de 5%.

Relativamente à batata de regadio, plantada mais tarde, a mesma ainda se encontra no solo, com a rama praticamente toda seca. Segundo as previsões, a colheita deverá realizar-se durante o mês de setembro e apesar do calibre ser irregular, tudo aponta para uma campanha mais produtiva.

As temperaturas elevadas e o ar muito quente e seco durante dias consecutivos registadas durante o mês de agosto, levaram a que as culturas hortícolas realizadas em regime de sequeiro entrassem em stress hídrico, perdendo o seu vigor vegetativo.

Culturas como as abóboras estão mesmo comprometidas, com as folhas das plantas queimadas pelo sol e os frutos a secar (ver fotos 57 e 58), atingindo calibres muito pequenos, prevendo-se menores produtividades, tal como no ano anterior.

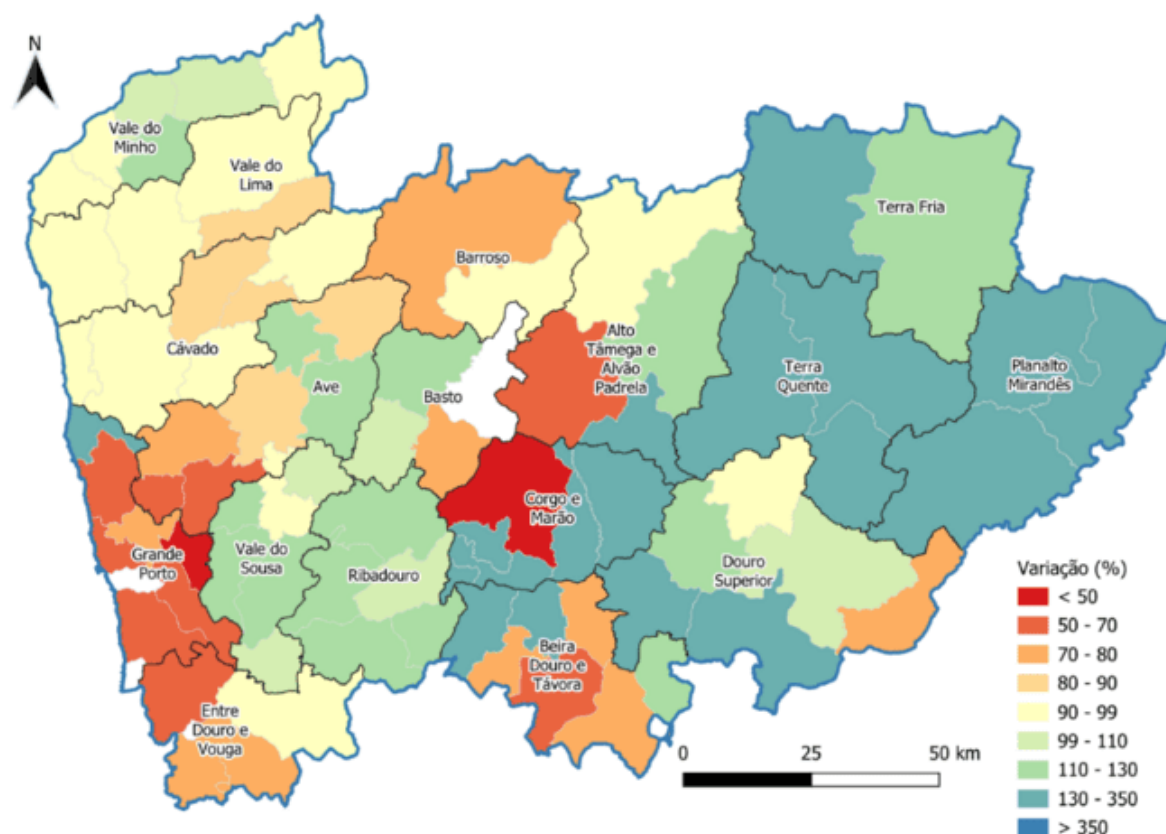


Figura 57. Abóboras em regime de sequeiro, Paçó - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 58. Abóboras em regime de sequeiro, Gostei - Bragança

Quanto às culturas feitas em regime de regadio, os produtores fazem a gestão da água de forma muito racional, para poderem manter a cultura em bom estado vegetativo. A cultura mais representativa é o milho.



7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (Kiwi)

As condições meteorológicas de grande parte do mês de agosto favoreceram o bom desenvolvimento da cultura do kiwi, obrigando contudo a um reforço do número de regas. Muitos pomares têm apenas sistema de rega gota-a-gota, o que não garante humidade atmosférica. Com as altas temperaturas e a redução da humidade do ar, os estomas das folhas fecham, causando desidratação da folha. As reservas de água para rega encontram-se num nível bastante baixo, devido à ausência de precipitação.

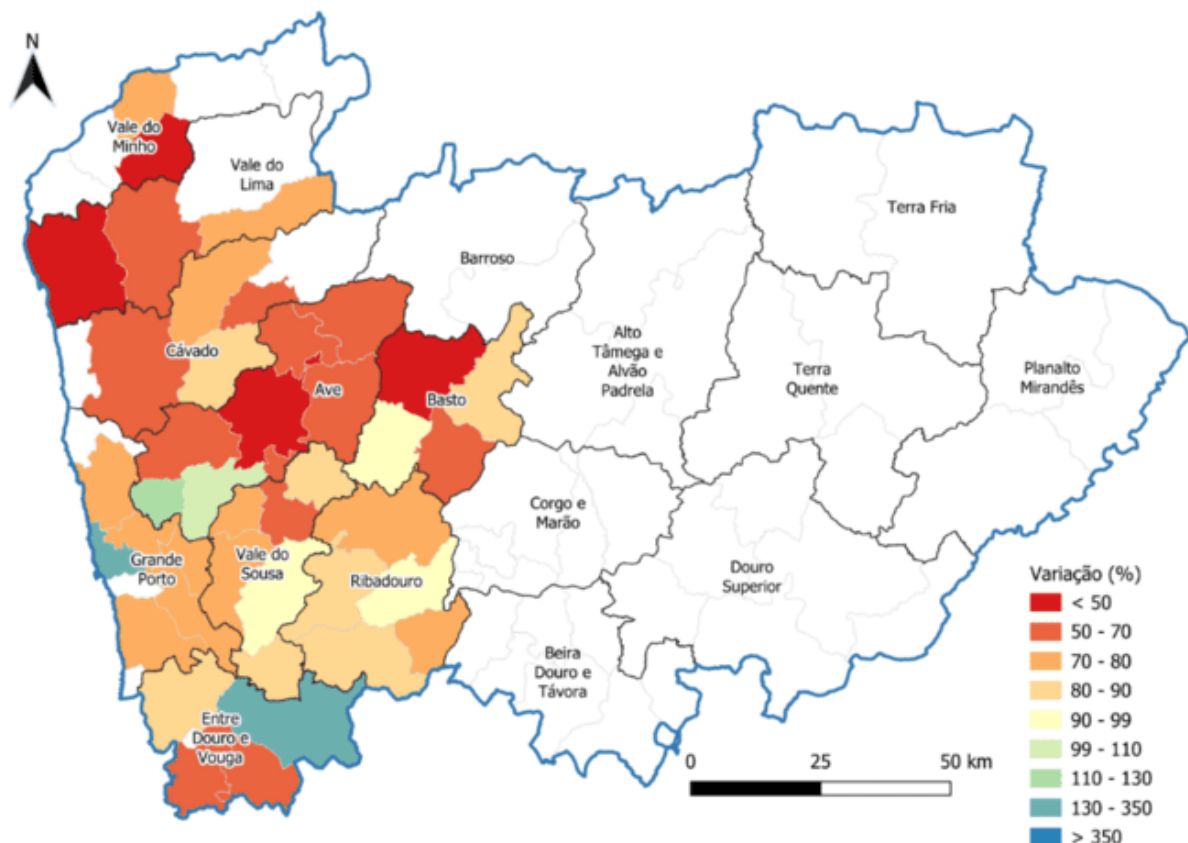
As temperaturas elevadas facilitaram o controlo de pragas e doenças, mas provocaram algum escaldão nos frutos, que têm apresentado um crescimento bom, encontrando-se o ciclo vegetativo um pouco adiantado.

Já se iniciou a colheita do kiwi “Arguta”, que deverá continuar por mais três semanas. Estima-se uma produção com níveis de produtividade superiores aos do ano passado (+17%).



Figura 59. Pomar de kiwi em 20.08.2026, Santa Margarida – Lousada, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira

Subsiste a preocupação relativa à ocorrência de sintomas compatíveis com a Síndrome de “moria” ou declínio do kiwi observada no concelho de Valença. Embora continue em avaliação (já iniciada pelos serviços competentes da CCDR-N), a situação merece acompanhamento atento, devido ao impacto potencial na viabilidade futura dos pomares afetados.



Mapa 4 – Evolução da produtividade do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Castanheiros, Nogueiras,

Na zona de observação do Minho, a cultura do castanheiro continua a registar um aumento gradual da área instalada, com a entrada de novos soutos, sobretudo em terrenos marginais e áreas de baldio. No entanto, uma parte significativa destas plantações encontra-se ainda em fase de crescimento, pelo que o seu contributo para a produção regional permanece reduzido.

As condições meteorológicas verificadas ao longo do verão, caracterizadas pela persistência de tempo seco, temperaturas elevadas e reduzida disponibilidade hídrica, condicionaram o desenvolvimento vegetativo dos castanheiros, principalmente nas plantações jovens e nas parcelas localizadas em solos pouco profundos e sem possibilidade de rega.

Em muitas situações observa-se menor vigor vegetativo e uma evolução mais lenta dos frutos, mantendo-se a escassez de água como o principal fator limitante da cultura na região. Os castanheiros em franca produção frutificaram bem e têm muitos ouriços pequenos. A recente e abundante precipitação foi fundamental para o crescimento do fruto.



Figura 60. Castanheiro, 20.08.2026, Gondalães - Paredes, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira



Figura 61. Castanheiro isolado, em solo de culturas temporárias, com elevado número de pequenos ouriços em crescimento, Sta Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Quanto às nogueiras, estas apresentam bom desenvolvimento vegetativo e muita fruta, estimando-se produtividades superiores às da campanha anterior.

Citrinos

O vingamento das laranjeiras, clementinas e tangerineiras aponta para uma produtividade semelhante à da última campanha.

Figueiras

As árvores apresentam uma carga de fruta excecional, o que tem garantido abundância e fruta de qualidade no mercado. A recente precipitação vai “rachar” a camada de figos que está agora na fase de amadurecimento, mas é benéfico para as plantas, pois apesar de resistentes, as figueiras estavam em stress hídrico. Existe previsão de um aumento da produtividade de cerca de 7% em relação ao ano passado.

Mirtilos

Apesar da rega, a falta de humidade atmosférica e as elevadas temperaturas formaram um fruto de pequeno calibre, dificultando a colheita. As temperaturas elevadas aceleraram a maturação dos frutos e concentraram a colheita num período mais curto do que o habitual. Esta concentração da oferta causou constrangimentos ao nível do escoamento da produção, dificultando a comercialização de parte da fruta produzida e contribuindo para uma pressão negativa sobre os preços pagos ao produtor. Devido a essa concentração a nível nacional e no mercado externo, os preços são muito pouco interessantes, pondo em causa a viabilidade das pequenas explorações.

Em localizações mais expostas, a variedade “Legacy” sofreu fenómenos de escaldão e desidratação, continuando a registar-se ainda problemas com a falta de mão-de-obra para a colheita.

Prevê-se um aumento da produtividade, com cerca de +8% relativamente ao ano anterior.

A qualidade foi média, registando-se perda principalmente nas colheitas de final de junho/início de julho, provocada pelo excesso de calor – com taxas de rejeição da ordem dos 10 a 20%.

Pessegueiros

As condições meteorológicas desta campanha foram favoráveis ao vingamento e desenvolvimento dos frutos da generalidade das prunóideas e resultaram num aumento significativo da quantidade de produção (+23%) e da boa qualidade, em relação a 2025.

Pomóideas

As pomóideas apresentam maiores produções que as verificadas no ano passado - +5% para as macieiras e +9% para as pereiras - com frutos de boa qualidade. Os marmeleiros têm bastante frutos e já começou a colheita das variedades precoces como a “Royal Gala”.

As condições meteorológicas observadas durante o período em análise foram favoráveis ao controlo das doenças e a população das pragas manteve-se baixa. No entanto, como boa parte das áreas não é regada (ou é regada pelo método tradicional) e não é tratada, verifica-se queda do fruto, provocada sobretudo pela picada da Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).



Figuras 62 e 63. Macieira com frutos na fase de crescimento e maturação, Refoios do Lima, zona de observação do Lima
Fotos por: Sandra Coelho



Figura 64. Pereira com frutos em desenvolvimento, Refoios do Lima, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Registaram-se sintomas pontuais de Pedrado (*Venturia inaequalis*) e alguns frutos danificados por outras pragas, principalmente em árvores dispersas e pequenos pomares onde, de um modo geral, não são realizados tratamentos preventivos.

7.2 Trás-os-Montes

De um modo geral, em agosto todas as culturas permanentes em Trás-os-Montes se debateram com a dura tarefa de gerir o stress hídrico e térmico. Este mês iniciou-se a colheita de amêndoa, maçã e uvas, inicialmente sob condições de temperaturas elevadas. No final do mês as colheitas foram interrompidas por chuvas intensas que impediram a realização dos trabalhos.

Amendoeiras, Aveleiras, Castanheiros, Nogueiras, Pistachos

No **Planalto Mirandês**, a amêndoa está na fase final da maturação e secagem do fruto na árvore, com a casca verde exterior (mesocarpo) a começar a abrir e a casca dura e grão já formados, levando a prever que a colheita se inicie no final de agosto/início de setembro.



Figuras 65 e 66. Mesma parcela de amendoal em 10.07.2026 (esq.) e em 10.08.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Como ano de chuvas normalmente não é ano de geadas, e não se verificaram geadas tardias de relevo na fase da floração, os produtores esperam que este seja um ano de maior produção que em 2025 (apesar de se terem observado parcelas com baixa e outras quase nula produtividade).



Figuras 67 e 68. Pormenor da casca dura da amêndoa e do grão, já doce e comestível, 10.08.2026, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No **Douro Sul** também se afigura um bom ano de produção de amêndoa, com as árvores a apresentar grande quantidade de frutos com bom calibre.

As amendoeiras da **Terra Fria** estão a terminar o seu ciclo vegetativo, apresentando um razoável estado vegetativo.



Figura 69. Aspeto de um pomar em regime de sequeiro, Valpaço - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 70. Pormenor das amêndoas prontas a colher

Em campo observa-se que os produtores fazem um esforço acrescido para manter as espécies cinegéticas longe das amêndoas (ver foto 71), sendo o javali a espécie que mais prejuízos provoca, pois destrói as plantas, parte os ramos e come as amêndoas.



Figura 71. Aspeto de um pomar em regime de sequeiro, com fitas para afugentar os javalis, Sta Comba de Rossas – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 72. Pormenor das amêndoas em fase de maturação

A ausência de precipitação nos meses de junho, julho e agosto teve um grande impacto nesta cultura, uma vez que requer precipitação regular. A floração foi excelente, o vingamento dos frutos foi bom, mas no entanto observam-se menos frutos vingados, ainda que com calibres superiores, comparativamente à campanha anterior, prevendo-se idênticas produções e produtividades. No concelho de Bragança a maturação do fruto está um pouco mais atrasada.

Ainda na **Terra Fria**, no concelho de Vinhais, a avelã está a iniciar a fase de maturação, em excelente estado vegetativo e mais adiantada que no concelho de Bragança (ver fotos 73 e 74).



Figura 73. Aspeto da avelã em agosto 2026, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 74. Aspeto da avelã em agosto 2026, Gostei – Bragança

Na **Terra Quente**, observa-se a abertura natural do pericarpo (casca verde), expondo a amêndoa, o que indica que a produção atingiu o estado adequado para a realização das operações de colheita. Em muitas explorações a colheita já se iniciou, prevendo-se uma campanha bastante positiva em termos produtivos.

As estimativas apontam para uma produção cerca de 50% superior à obtida no ano anterior, refletindo as boas condições registadas durante as fases de floração, vingamento e desenvolvimento dos frutos. Esta evolução traduz-se numa elevada carga produtiva e numa perspetiva favorável do ponto de vista quantitativo.



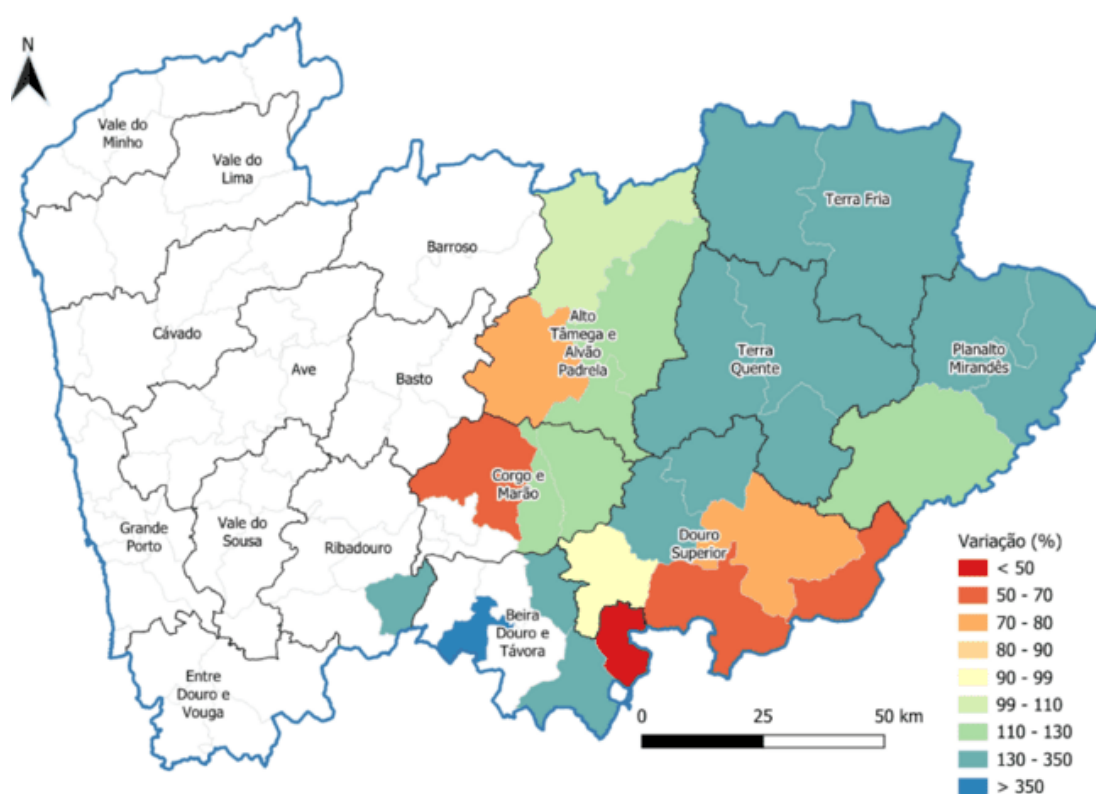
Figura 74. Amendoeira com boa produção, a casca verde aberta e a amêndoa exposta, agosto 2026
Foto por: Paulo Guedes

A *Vespa-da-amêndoa* (*Eurytoma amygdali*) é uma das pragas mais importantes da amendoeira. Na foto 75 ilustra-se a presença de frutos com sintomas de ataques de pragas e/ou doenças, nomeadamente perfurações, exsudações gomosas e danos que poderão comprometer a qualidade comercial da produção. Estes ataques podem originar perdas diretas por destruição parcial ou total do miolo da amêndoa, bem como perdas indiretas decorrentes da redução da qualidade, do peso dos frutos e do valor comercial do produto final.



Figura 75. Pormenor de amêndoa perfurações e gomoses, agosto 2026

Foto por: Paulo Guedes



Mapa 5 – Evolução da produtividade da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Para além das perdas na campanha atual, a permanência de frutos atacados nas árvores ou no solo pode contribuir para a manutenção e propagação da praga nas campanhas seguintes, agravando os danos e aumentando os custos associados ao seu controlo.

Por esse motivo, deve efetuar-se a remoção e destruição dos frutos afetados, de forma a reduzir os focos de infestação e minimizar o impacto da praga nas produções futuras. A adoção de medidas de monitorização e controlo integrado revela-se fundamental para salvaguardar o potencial produtivo e económico do amendoal, permitindo preservar uma campanha que, em termos quantitativos, se apresenta bastante superior à do ano anterior.

Nos soutos do **Planalto Mirandês** encontramos os ouriços em fase de crescimento e desenvolvimento vegetativo. Os produtores veem como maiores desafios, de momento, o calor que se atravessa (que abranda o crescimento dos frutos) e a diminuição da humidade à superfície dos solos, que vai de reduzida a nula. Talvez estes motivos justifiquem a expansão de algumas plantações para zonas de maior altitude, com solos mais propícios (ácidos a neutros).



Figuras 76 e 77. Pormenor de ouriço e souto jovem adulto, 10.08.2026, Bruçó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Nos soutos observados o estado de saúde das plantas está estável, após medidas de combate a pragas e fungos, com aplicação de calda bordalesa para prevenir a infeção por Cancro do Castanheiro (*Cryphonectria parasitica*) e largadas do parasitóide *Torymus sinensis* para combate à Vespa-das-Galhas.



Figura 78. Castanheiro em souto de regadio, com boa quantidade de ourigos, 21.08.2026, Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

Até à terceira semana de agosto, os castanheiros do **Douro Sul** desenvolveram-se saudavelmente, apresentando um elevado número de ourigos, mas num regime de stress hídrico que poderia comprometer a produção deste ano. O efeito benéfico da precipitação ocorrida na última semana do mês pode de alguma forma ser contrariado pela ocorrência de doenças como a Septoriose ou a Podridão Castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*), para as quais será necessário manter muita atenção.

Os castanheiros da **Terra Fria** estão em bom estado vegetativo, com as plantas em plena frutificação e os ourigos na fase de engrossamento, bem visíveis em todas as variedades, ainda que em quantidade inferior a igual período do ano anterior. Os produtores de castanha



Figuras 79 e 80. Pomar de castanheiros e aspeto dos respetivos ourigos, Moredo - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

afirmam que as condições meteorológicas de agosto não foram as ideais, mas que a descida das temperaturas a partir do dia 20 e a precipitação que ocorreu no território a partir dessa data, permitiu aliviar o stress hídrico a que a cultura estava sujeita.



O mês de setembro será determinante para que a castanha cresça e os castanheiros se mantenham saudáveis e sem problemas fitossanitários.

No início do mês constatou-se que os ouriços caíram de forma considerável, com os produtores a associar esta queda à onda de calor sentida na primeira quinzena de agosto.



Figura 81. Souto em regime de sequeiro, agosto 2025, Vilar de Ossos - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 82. Souto em regime de sequeiro, agosto 2026, Vilar de Ossos - Vinhais

MESMA PARCELA, MESMA ÁRVORE, MESMO RAMO

As pragas e doenças têm um impacto significativo na produção de castanha e esta campanha, como já foi referido em Boletins anteriores, o maior impacto fica a dever-se à Vespa-das-Galhas-do-Castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*), que ameaça fortemente a fileira da castanha desde a produção até ao consumidor final. Paralelamente, confirma-se que as condições fitossanitárias dos castanheiros e dos seus frutos estão cada vez mais dependentes das alterações climáticas.

Ainda na Terra Fria, as noqueiras apresentam um bom estado vegetativo com os frutos na fase de crescimento, em número inferior, mas com calibres superiores aos da campanha anterior. Sendo ainda prematura uma previsão concreta, os produtores estimam que o calibre dominante poderá vir a ser 32mm, referindo também que intensificaram a rega nos pomares, para que as árvores mantenham o ritmo de crescimento dos frutos.



Figuras 83 e 84. Aspecto de um pomar de nozes em regime de sequeiro, com pormenor das nozes, Quintela – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 85 e 86. Aspecto de um pomar de nozes em regime de sequeiro, com pormenor das nozes, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Na **Terra Quente**, a disponibilidade regular de água durante os períodos críticos de crescimento tem permitido um desenvolvimento mais equilibrado das árvores e dos frutos, refletindo-se num aumento do tamanho dos ouriços e, previsivelmente, num maior calibre das castanhas à colheita. Esta vantagem assume particular relevância em anos marcados por elevados níveis de stress hídrico e temperaturas extremas, como o atual.

A obtenção de castanhas de maior calibre traduz-se, geralmente, numa valorização comercial da produção, permitindo aos produtores alcançar melhores preços e aumentar a rentabilidade da exploração.



Figura 87. Parcela de souto de regadio, com árvores de elevado vigor vegetativo e uma carga de frutos significativa, onde os ouriços apresentam maiores dimensões que os observados em soutos de sequeiro, agosto 2026

Foto por: Paulo Guedes

Consequentemente, as explorações que dispõem de regadio tendem a obter produções mais regulares, com melhor qualidade e maior estabilidade económica face às adversidades climáticas.

Esta situação demonstra a importância da água como fator determinante para a cultura do castanheiro, evidenciando que a agricultura de regadio, sempre que técnica e economicamente viável, constitui uma opção vantajosa para melhorar a qualidade da produção, aumentar o valor comercial da castanha e reduzir os riscos associados aos períodos de seca cada vez mais frequentes na região de Trás-os-Montes.

Embora se prevejam quantidades semelhantes às obtidas no ano anterior, considerado pelos produtores um bom ano em termos produtivos, as condições proporcionadas pelo regadio deverão traduzir-se numa melhoria significativa da qualidade da produção. Os maiores calibres para esta campanha constituem um importante fator de valorização económica, uma vez que os mercados privilegiam castanhas maiores, com melhor aspeto e maior uniformidade.

Ameixeiras, Pessequeiros

O ano de 2026 foi particularmente bom para a produção de ameixas e pêssegos na região transmontana e particularmente no **Douro Sul**. Agosto foi o mês em que a colheita foi mais intensa, especialmente de ameixas, com a produção a ser superior à de anos anteriores.

A fruta apresentou parâmetros de elevada qualidade, de onde se destacaram o calibre e o teor de açúcar.

Na **Terra Fria** estas culturas não têm grande representatividade, surgindo apenas na forma de árvores dispersas na bordadura das parcelas e nos quintais das habitações. Contudo, apresentam um bom estado vegetativo, com muito frutos vingados e ótimo calibre, prevendo-se uma produção semelhante ao ano anterior.

Figueiras

A cultura da figueira na **Terra Quente** apresenta ainda uma quantidade significativa de frutos nas árvores, refletindo um ano particularmente favorável em termos de produção. Do ponto de vista quantitativo, a campanha pode ser considerada bastante positiva, verificando-se uma abundância de figos e uma carga produtiva superior à habitual, em muitas parcelas.

Contudo, os figos observados encontram-se numa fase em que dificilmente conseguirão completar o processo normal de amadurecimento e atingir os padrões de qualidade exigidos pelo mercado. Esta situação resulta, em grande medida, das temperaturas extremamente elevadas registadas durante o verão, que condicionaram o desenvolvimento dos frutos e afetaram negativamente a sua qualidade.



Figuras 88 e 89. Figo "Pingo de mel", a secar nas árvores, sem completar a maturação, agosto 2026
Fotos por: Paulo Guedes

Os figos apresentam sinais de escaldão na epiderme, consequência direta da forte exposição solar e do calor excessivo, verificando-se igualmente uma reduzida formação de polpa no interior do fruto. Estas condições comprometem as características organoléticas e comerciais, nomeadamente o sabor, a textura, a suculência e o peso dos frutos.

Embora exista produção em quantidade e a campanha possa ser considerada boa sob o ponto de vista produtivo, o valor comercial desta colheita é reduzido, uma vez que boa parte dos frutos não reúne os requisitos mínimos de qualidade para comercialização em fresco.

Consequentemente, os produtores poderão registar perdas económicas consideráveis.

De uma forma geral, a campanha caracteriza-se por uma elevada produção de figo vindimo, confirmando um bom ano em termos quantitativos, ainda que o seu valor comercial tenha sido significativamente limitado.

Mirtilos

A campanha do mirtilo na **Terra Quente** encontra-se na fase final da colheita, permanecendo ainda em produção algumas das variedades mais tardias. Observa-se a presença de frutos maduros aptos para colheita, embora a qualidade comercial seja inferior à registada nas colheitas realizadas em períodos anteriores.



Figuras 90. Pomar de mirtilos na fase final da colheita, agosto 2026

Foto por: Paulo Guedes

Os últimos frutos apresentam, de um modo geral, menor qualidade organolética, destacando-se o endurecimento da epiderme, característica que reduz a sua aceitação para consumo em fresco. Esta perda de qualidade está associada ao avançado estado de maturação da cultura e às elevadas temperaturas registadas durante o verão, que afetam negativamente a textura e a conservação dos frutos.

Face a estas características, grande parte da produção remanescente tem como principal destino a indústria de transformação, sendo utilizada no fabrico de sumos, polpas, compotas, produtos congelados e outros derivados.

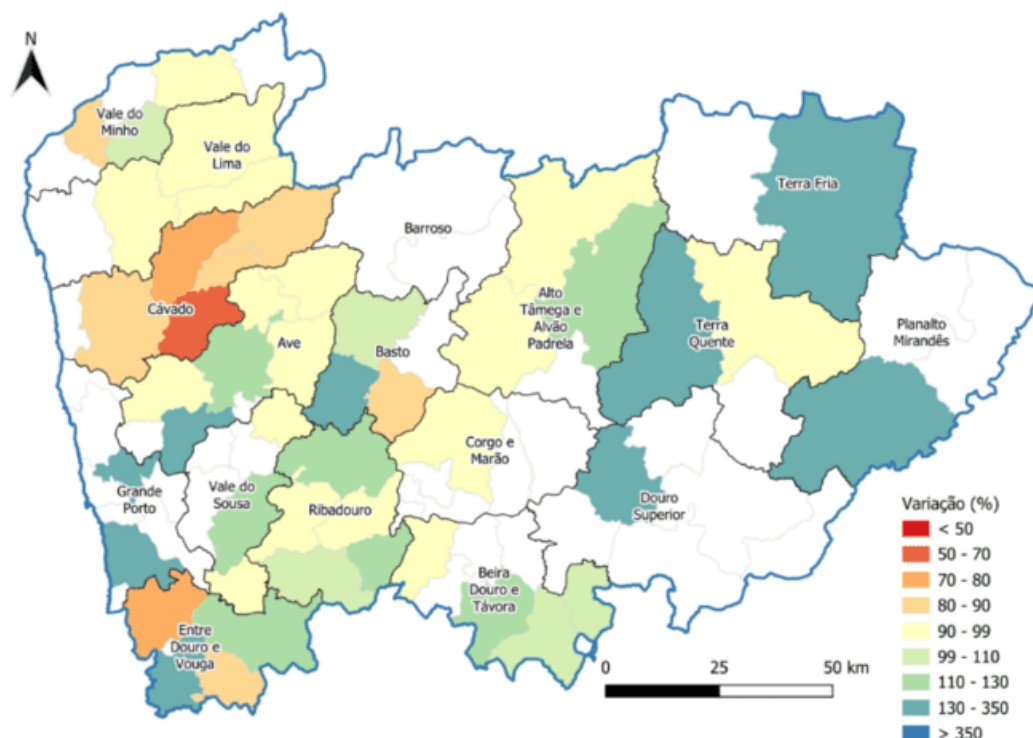


Figuras 91. Pormenor de mirtilos maduros, prontos a colher, agosto 2026

Foto por: Paulo Guedes

Consequentemente, os preços pagos ao produtor tendem a ser inferiores aos praticados para fruta destinada ao mercado em fresco, traduzindo-se numa menor valorização económica da produção nesta fase da campanha.

Apesar da redução da qualidade comercial, a colheita continua a decorrer nas variedades tardias, permitindo o aproveitamento da produção existente e o seu encaminhamento para os canais de transformação industrial.



Mapa 6 – Evolução da produção do mirtilo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Pomóideas

Apesar de ainda se realizarem algumas mondas manuais, para aumento do calibre dos frutos, a colheita de maçã no **Douro Sul** teve início nas primeiras semanas do mês de agosto, na variedade “Royal Gala”.



Figura 92. Maçãs da variedade “Royal Gala” prestes a colher, 21.08.2026, Britiande - Lamego
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 93. Maçãs da variedade “Starking” em fase de maturação, 21.08.2026, Armamar



Figuras 94 e 95. Maças da variedade “Golden Delicious” com sintomas de escaldão, 21.08.2026, Britiande – Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

As elevadas temperaturas precipitaram de alguma forma o início dos trabalhos, com a maçã a atingir precocemente o ponto de maturação e a sofrer de alguns fenómenos de escaldão (ver fotos 94 e 95). Para minimizar o efeito da radiação solar nos frutos, alguns produtores optam por aplicar caulino nos seus pomares, embora este produto tenha posteriormente alguns inconvenientes, no que diz respeito ao equipamento de limpeza/calibração da fruta.

Prevê-se que a produtividade seja idêntica à dos últimos anos.



Figura 96. Pomar de macieiras em fase de maturação, 10.08.2026, Azinhoso – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Um dos pomares de maçã acompanhados no **Planalto Mirandês** continua a providenciar frutos sãos, em bom estado e desenvolvimento, prevendo-se que continue a dar frutos de bom calibre uma vez que tem instalado um sistema de rega.

Na **Terra Quente**, esta cultura beneficia das condições edafoclimáticas características de Trás-os-Montes, onde a conjugação de invernos frios, amplitudes térmicas elevadas e verões secos favorece uma adequada diferenciação floral, frutificação e maturação dos frutos. Estas condições contribuem para a obtenção de maçãs de elevada qualidade, com boa firmeza, coloração e características organoléticas apreciadas pelos consumidores.

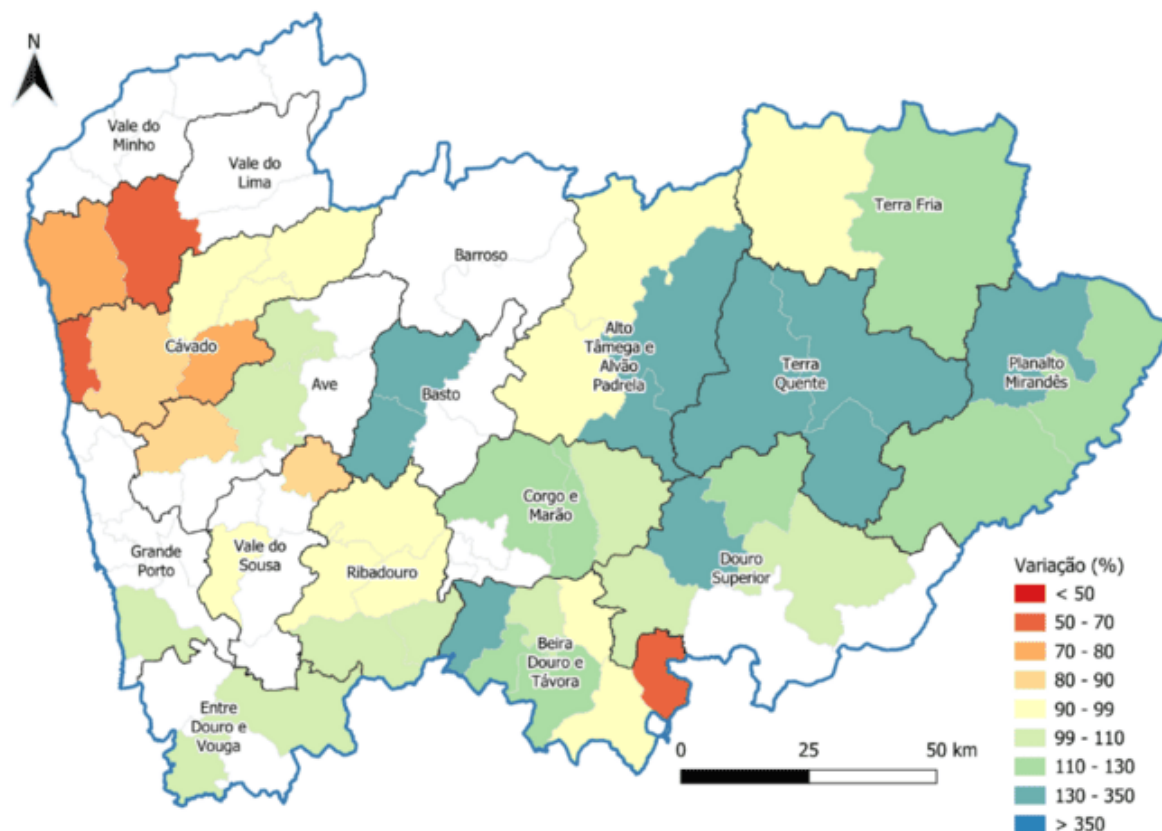
Nas parcelas de macieiras observadas nesta sub-região, as árvores estão bem equilibradas, com boa carga de frutos e sem sinais relevantes de pragas ou doenças.

A produção é abundante e homogénea, evidenciando um bom potencial produtivo e frutos com características adequadas para comercialização, nomeadamente em termos de calibre, coloração e qualidade geral, evidenciando uma cultura bem instalada, em bom estado sanitário, com elevada capacidade produtiva e perspectivas favoráveis para a colheita, refletindo a boa adaptação da macieira às condições agroclimáticas transmontanas.



Figuras 97 e 98. Pomar de macieiras em fase de maturação, agosto 2026

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 7 – Evolução da produtividade de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Sabugueiros

O **Douro Sul**, em particular a sub-região da Beira Douro e Távora, é a única parcela de território da Região Norte onde a produção de sabugueiro tem significado económico. Para isso muito contribui o facto de aí se localizar a única unidade agroindustrial que recebe e processa a baga de sabugueiro, encaminhando-a posteriormente para clientes no mercado nacional e internacional.

A colheita decorreu com normalidade ao longo do mês de agosto, durante aproximadamente 3 semanas, beneficiando das condições de temperatura elevada e humidade reduzida. No final o balanço foi positivo, tendo-se obtido bagas com bom calibre, intensidade corante, teor de açúcar e boa sanidade do fruto. Segundo o que pudemos apurar, a produção total foi idêntica à dos últimos anos.



Figuras 99 e 100. Baga de sabugueiro colhida e entregue na unidade industrial local, 21.08.2026, Tarouca
 Fotos por: Suzana Fonseca

8 Vinha

8.1 *Entre Douro e Minho*

Na região do Alvarinho, a vindima iniciou-se a meados do mês de agosto, cerca de uma semana mais cedo que em 2025. As temperaturas elevadas favoreceram a maturação das uvas, mas aumentaram o risco de stress hídrico, principalmente em parcelas de sequeiro ou com menor capacidade de retenção de água e provocaram escaldão em vinhas mais expostas ou com demasiada desfolha.

Mantém-se um bom estado sanitário geral das vinhas, tendo as condições meteorológicas reduzido significativamente os problemas associados ao Míldio.

Os prejuízos provocados por escaldão observados durante o verão não justificam alterações às anteriores previsões de produção. Contudo, a ocorrência de chuva no final do mês, com humidade elevada, poderá potenciar o aparecimento de Podridão nos cachos. A frequência e intensidade dos períodos de chuva está a dificultar a vindima e o processo de entrega das uvas nas adegas.



Figura 101. Vinha da casta “Alvarinho”, Moreira – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Em Monção, a entrega em plena produção de áreas recentemente instaladas continua a sustentar um acréscimo significativo da produtividade, que se prevê seja maior em relação ao ano passado (+20%). Também em Melgaço, a previsão é de que a produtividade seja superior à do ano anterior, mas em menor escala (+10%).

Na restante Região dos Vinhos Verdes, as condições meteorológicas das últimas semanas favoreceram o desenvolvimento da vinha e adiantaram significativamente o seu ciclo vegetativo. Na zona de observação do **Tâmega e Sousa**, a vindima das castas “Fernão Pires” e “Alvarinho” teve início a 14 de agosto, cerca de 8-10 dias mais cedo que em 2025, ano que já tinha sido temporão. Em 25.08.2026 já tinham sido colhidas praticamente todas as castas brancas. Na zona de observação do **Ave** as vindimas serão realizadas cerca de 15 dias antes, em relação ao ano passado.

No concelho de Valongo, o início da vindima foi no dia 19 de agosto para a casta branca “Fernão Pires”, sendo que nos restantes concelhos do **Grande Porto** esse início está previsto para o final do mês, início de setembro, antecipado cerca de 10-15 dias em relação a 2025.

No **Entre Douro e Vouga** o calendário da vindima também é antecipado, neste caso em cerca de uma semana.



Figura 102. Vinha da casta “Trajadura”, Pias – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

O controlo das principais doenças da vinha foi facilitado pela ausência de precipitação, insolação e temperaturas elevadas. Registou-se algum escaldão nos cachos mais expostos ao sol e em situação de maior stress hídrico, especialmente nas parcelas de sequeiro, com impacto variável em função das condições específicas de cada local.



Figuras 103 e 104. Cachos de uva da casta “Loureiro”, Ponte da Barca, zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho

A população da Traça da Uva e da Cigarrinha Verde manteve-se em níveis baixos, mas nas vinhas localizadas na faixa litoral, com o impacto das neblinas e da humidade noturna, houve necessidade de reforçar recentemente a proteção em relação ao Míldio, Oídio e Black rot.

Nas vinhas que não foram protegidas, é possível observar infeções secundárias de Míldio nas folhas das videiras, que quando caírem no solo, irão constituir uma fonte de inóculo para o próximo ano.



Figura 105. Cachos de uva da casta "Vinhão", Refoios do Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 106. Cachos de uva da casta "Vinhão", Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 107. Vinha continua da casta "Vinhão", em maturação, Amares, zona de observação do Cávado

Foto por: Sandra Coelho

Estima-se uma produtividade significativamente superior à registada na última vindima (+9%), com as uvas a apresentarem muito boa qualidade sanitária e bons teores de açúcar e acidez. A chuva ocorrida no final do mês poderá vir a prejudicar a qualidade das uvas por vindimar.

Prevê-se que a produção de uva de mesa também seja superior à registada no ano passado, em cerca de +15%.

O controlo de maturação é realizado no âmbito de um protocolo conjunto entre a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), para ajudar os viticultores na tomada de decisão sobre a vindima. [Ver resultados do controlo da maturação](#). Os locais de amostragem correspondem a parcelas de produtores localizadas na Região Demarcada dos Vinhos Verdes (RDVV).

8.2 *Trás-os-Montes*

A grande diversidade edafoclimática da região transmontana resulta numa heterogeneidade do estado de desenvolvimento das uvas por toda a região. Associadas a isso, surgem as condições meteorológicas deste verão em particular, que se revelou bastante quente e seco, antecipando a maturação em muitos locais.

Por esse motivo, em agosto foi possível encontrar vinhas do Planalto Mirandês a concluir o “pintor”, enquanto no Douro Sul já se iniciava a vindima.

De modo geral a vinha apresenta-se em boas condições fitossanitárias, excetuando os fenómenos de desidratação e escaldão ocorridos nos locais mais quentes.

No **Planalto Mirandês** a vinha encontra-se na fase final de maturação, com o “pintor” praticamente concluído e com as uvas a concentrarem açúcares – segundo os produtores, mais até que no ano passado. Neste momento tudo depende das temperaturas, pois o verão quente que atravessamos, com temperaturas excessivas, poderá antecipar a vindima.

Nas parcelas observadas e ultrapassada a fase do “pintor”, os bagos continuaram a encher e já perderam a dureza inicial, os cachos estão sãos e a compactar livres das doenças usuais (Míldio e Oídio) e apesar do tempo muito seco prevê-se uma ligeira subida da produtividade face a 2025.



Figuras 108 e 109. Vinha tradicional, com pormenor dos cachos que recuperaram dos danos causados pela queda de granizo que afetou bagos, folhas e varas no passado mês de julho 12.08.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins

A vindima no **Douro Sul** teve início na primeira semana de agosto, quando os produtores começaram a colher e a vinificar as uvas brancas cuja maturação já estava concluída, sobretudo no Douro Superior. A ocorrência de precipitação intensa na última semana do mês levou à interrupção da colheita em algumas localidades, sendo posteriormente retomada. Considerando o stress hídrico a que as plantas estiveram sujeitas, será normal a rápida absorção da água disponível, podendo afetar a qualidade das uvas (com diminuição do °Brix, da intensidade corante e dos polifenóis) e conduzir ao rachamento dos bagos, com o consequente desenvolvimento de podridões.



Figura 110. Vinha a concluir a maturação, 21.08.2026, Alvações do Tanha – Peso da Régua
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 111. Vinha a concluir a maturação, 21.08.2026, Armamar



Figura 112. Vinha a concluir a maturação, 21.08.2026, Parada do Bispo – Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

Os produtores terão de se manter atentos às condições meteorológicas do início do mês de setembro, agindo em conformidade com as mesmas, no sentido de minimizar eventuais prejuízos e quebras de qualidade das uvas e dos vinhos delas resultantes.

As previsões apontam para um aumento médio da produtividade no Douro Superior e no Corgo e Marão na ordem dos 20%. Na Beira Douro e Távora prevê-se que a produtividade seja idêntica à do ano anterior.

A vinha da **Terra Fria** apresenta-se, globalmente, em bom estado vegetativo e ligeiramente adiantada para a época do ano e para a região. As temperaturas têm sido muito elevadas, o que antecipou a maturação dos cachos, já na fase do “pintor” (ver foto 115). Parte das vinhas observadas foi desfolhada de forma moderada e cuidada (evitando riscos de escaldão), mas também se observam outras onde essa operação não foi considerada, evitando expor os cachos aos raios solares.

Os produtores preveem uma campanha ligeiramente mais produtiva (existem mais cachos que no ano anterior), mas se as condições meteorológicas se mantiverem com temperaturas muito elevadas, as vinhas localizadas em encostas com exposição poente e sul podem ter um ligeiro decréscimo da produtividade.



Figuras 114 e 115. Aspeto da vinha tradicional em regime de sequeiro, com pormenor de cacho de uvas tintas, Rebordelo - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Estima-se que a laboração da principal unidade de transformação da Terra Fria (em Rebordelo, Vinhais) se inicie na primeira semana de setembro, tanto para as uvas brancas como para as uvas tintas, com obtenção de bons mostos.

As temperaturas extremamente elevadas registadas na **Terra Quente** durante o mês de agosto, levou a que as videiras entrassem em stress hídrico acentuado, limitando a sua capacidade de produzir e translocar os foto assimilados necessários ao correto desenvolvimento e maturação dos cachos. A permanência prolongada das uvas na vinha não trará benefícios significativos em termos de maturação, podendo pelo contrário conduzir ao agravamento das perdas de qualidade. Torna-se por isso urgente antecipar a vindima, evitando maior desidratação dos bagos, redução do peso da produção, diminuição do rendimento em mosto e degradação das características qualitativas das uvas.

Apesar dos efeitos negativos provocados pelas condições extremas, estima-se que a produção nesta sub-região seja superior à obtida no ano anterior, em cerca de 15%, refletindo uma boa carga produtiva instalada antes da ocorrência dos períodos mais severos de calor e seca. Este aumento quantitativo poderá não se traduzir integralmente em ganhos económicos, caso a colheita não seja realizada atempadamente.

Para apoiar os Srs. Agricultores na decisão de intervenção, aconselhamos a consulta das [Circulares de Avisos](#) emitidas pelas diferentes Estações da região.

9 Olival

9.1 *Entre Douro e Minho*

Os olivais apresentam frutos na fase de crescimento. No entanto, devido ao reduzido vingamento registado aquando da floração, mantém-se a previsão de uma produção inferior à da campanha anterior. Trata-se de um ano de contrassafra, pelo que a produção deve manter-se mais baixa.



Figura 116. Oliveira com pouca azeitona vingada, Lara – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

9.2 *Trás-os-Montes*

A produção olivícola na região de Trás-os-Montes tem sido um pouco condicionada pelas condições meteorológicas, resultando num crescimento da azeitona em ritmo lento.

Enquanto uma das culturas mais importantes do **Planalto Mirandês**, senão mesmo a mais importante, as oliveiras encontram-se na fase de endurecimento do caroço e crescimento do fruto, com as pequenas azeitonas a manter a cor verde e a polpa a continuar a crescer.

Após a precipitação ocorrida na última semana de agosto, caso a situação de seca regresse e se prolongue pelos próximos meses, os frutos poderão manter-se com calibre pequeno e pouco rendimento final.



Figuras 117 e 118. Olival de sequeiro, com pormenor das azeitonas na fase de crescimento e endurecimento do caroço, 10.08.2026, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Os olivais do **Douro Sul** também se encontram em bom estado fitossanitário, sem ocorrências significativas de pragas ou doenças. Contudo, o calibre da azeitona neste momento ainda é reduzido, dependendo diretamente da precipitação que venha a ocorrer nos próximos meses.



Figuras 119 e 120. Pormenor de azeitonas em oliveiras de sequeiro, 21.08.2026, Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

Na **Terra Fria** continua a observar-se a queda de azeitona, devido ao calor excessivo que faz secar o pedúnculo dos frutos.



Figuras 121 e 122. Aspeto do olival tradicional de sequeiro e pormenor da azeitona, Sta Comba de Rossas – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Apesar desta cultura ter dispersão em climas mediterrânicos, ser extremamente resistente à seca e ser feita maioritariamente em regime de sequeiro, é notória a diferença entre as oliveiras conduzidas em regime de regadio (com maior número de frutos e maior calibre) e as oliveiras em regime de sequeiro e/ou em solos de encosta e em solos pouco profundos, que estão em stress hídrico. A engorda das azeitonas durante o mês de agosto esteve comprometida, devido às temperaturas elevadas que se fizeram sentir durante dias consecutivos.

A campanha olivícola na **Terra Quente** perspectiva-se bastante favorável, observando-se um bom estado vegetativo das oliveiras e uma carga de fruto significativamente superior à registada no ano anterior. As estimativas apontam para um aumento da produção na ordem dos 60% relativamente à campanha precedente, refletindo uma melhor frutificação e um elevado potencial produtivo dos olivais.

Nos olivais de sequeiro, as chuvas ocorridas no final de agosto revelaram-se particularmente importantes, constituindo um verdadeiro fator de valorização da cultura, numa fase crítica do desenvolvimento do fruto.

A reposição da humidade no solo permitiu reduzir o stress hídrico acumulado durante o verão, favorecendo o enchimento e o crescimento das azeitonas e contribuindo para a manutenção da atividade fisiológica das árvores.



Figura 123. Pormenor das azeitonas em olival tradicional na Terra Quente, agosto 2026

Foto por: Paulo Guedes

Esta melhoria das condições hídricas deverá refletir-se num aumento do calibre dos frutos e numa melhor acumulação de matéria seca e de azeite, potenciando simultaneamente a quantidade e a qualidade da produção final. Nos olivais de sequeiro, onde a disponibilidade de água constitui frequentemente o principal fator limitante, estas precipitações tiveram um impacto particularmente positivo.

De uma forma geral, a campanha apresenta perspetivas muito animadoras, prevendo-se uma produção bastante superior à da campanha anterior, com bons níveis de carga por árvore e com condições favoráveis para a obtenção de uma colheita com elevada expressão económica para os produtores da região.

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 *Entre Douro e Minho*

A produção dos prados de regadio é limitada pelo calor excessivo, que afeta o bom desenvolvimento das plantas, prevendo-se que venham a beneficiar da precipitação ocorrida no final do mês. Em termos de rega, nas explorações é dada prioridade à rega do milho forrageiro, uma vez que esta cultura é mais sensível ao stress hídrico.

Os prados de sequeiro, mesmo que com espécies adaptadas à rega, ressentem-se naturalmente das elevadas temperaturas e da falta de humidade no solo.



Figura 124. Bovinos de raça "Minhota" em pastoreio, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

O comportamento do milho forrageiro é exatamente igual ao de grão – em todas as zonas de observação predominam milhos forrageiros mais fracos, comparativamente ao ano anterior. No entanto, os milhos semeados cedo e com rega abundante apresentam bom aspeto vegetativo e boas espigas. Alguns produtores fizeram mais regas e têm até maior produção que no ano passado. As primeiras colheitas de silagem tiveram início a meados de agosto.

A realização de mais regas aumenta significativamente os custos de produção, ao mesmo tempo em que a produtividade da silagem desce pelo segundo ano consecutivo.

Este acréscimo dos custos de produção, conjugado com a diminuição recente do preço do leite pago ao produtor (redução de 1,5 cêntimos/litro de leite, em 01 de agosto), tem colocado o setor leiteiro sob crescente pressão económica.



Figura 125. Milho em 20.08.2026, Lodares - Lousada, zona de observação do Sousa

Foto por: Joaquim Moreira

Mantém-se idêntico ao ano transato, o contributo das rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.

A previsão aponta para uma diminuição da produtividade do milho forrageiro (-9%) e também do sorgo forrageiro (-6%), por comparação com o ano anterior. A previsão da produção das pastagens em relação a 2025 é também de uma diminuição (-2% nas pastagens temporárias, -5% nas pastagens permanentes pobres e -1% nas pastagens permanentes semeadas e melhoradas).

10.2 Trás-os-Montes

De momento, o estado das pastagens permanentes no **Planalto Mirandês** acusa uma acentuada secura, típica dos meses quentes e secos que se atravessam e uma disponibilidade virtualmente nula de pasto fresco, também típico e de certa forma aguardado na região no mês de agosto.



Figuras 126 e 127. Mesma parcela de lameiro em 05.08.2025 (esq.) e em 12.08.2026 (dir), Brunhosinho – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figuras 128 e 129. Parcela que continha misto de forrageiras e após o corte comporta azevém que surge espontaneamente, com pormenor da vegetação seca, 12.08.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins

Contudo, o panorama geral do ciclo de crescimento e das produtividades destas culturas durante este ano foi ligeiramente superior ao do ano anterior, graças às chuvas que ocorreram tardiamente. Estas parcelas encontram-se agora totalmente secas – com exceção de alguns lameiros de regadio tradicionais, próximos de linhas de água ou com as também tradicionais *agueiras*, que conseguem manter alguma matéria verde, ainda que com produtividades inferiores às do mesmo período do ano anterior.



Figura 130. Lameiro de regadio, que ainda mantém matéria verde, 10.08.2026, Tó – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Por esse motivo os produtores pecuários já recorrem a alimento seco armazenado, fenos ou palha recém cortados, para providenciar alimento aos seus animais, situação que não era tão premente em igual período de 2025. As parcelas de milho forrageiro observadas, ainda que demonstrem alguma verdura, já denotam sinais de algum stress hídrico.



Figura 131. Bovinos de Raça Mirandesa em pastoreio, 12.08.2026, Vale de Mira – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

As pastagens permanentes de regadio da **Terra Fria** (lameiros) ainda apresentam humidade no solo, as aqueiras ainda têm alguma água e observa-se matéria verde para o pastoreio direto dos diferentes efetivos pecuários (fotos 134 e 135), contrariamente aos lameiros de sequeiro, que neste momento estão secos e não apresentam disponibilidade de matéria verde para pastoreio (foto 133). Devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir no mês de agosto, foi frequente observar os efetivos pecuários contidos nos lameiros debaixo de freixos e nos sob cobertos das matas de carvalhos e castanheiros, para disfrutarem da sombra e fazerem as suas horas de descanso, uma vez que os animais costumam sair de madrugada para o pasto, assim que há luz natural.

Também existem produtores pecuários que mantêm os animais estabulados ou retidos em áreas cercadas e frescas e lhes fornecem o alimento (milho, sorgo, palha, ração ou feno). O abeberamento é feito maioritariamente em estábulo ou nos aglomerados populacionais, nos respetivos tanques construídos para esse propósito.

Ao nível das pastagens permanentes e das pastagens temporárias, estamos perante um ano de produtividades inferiores, quando comparadas com a última campanha.



Figura 132. Pastagem permanente de sequeiro, agosto 2025, Gimonde – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 133. Pastagem permanente de sequeiro, agosto 2026, Gimonde – Bragança
MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES



Figura 134. Pastagem permanente de regadio, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 135. Pastagem permanente de regadio, Sortes – Bragança

Para as forrageiras com maior representatividade na Terra Fria (aveia em fardo, silagens e milho forrageiro), a presente campanha foi menos produtiva e com baixa produção total.

As culturas forrageiras feitas na primavera/verão apresentavam um fraco desenvolvimento vegetativo, dado que as condições meteorológicas e as fortes ondas de calor sentidas levaram as plantas a entrar em stress hídrico, provocando a sua senescência.



Figura 136. Milho forrageiro em regime de sequeiro, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 137. Milho forrageiro em regime de regadio, Vinhais



Figura 138. Sorgo forrageiro em regime de sequeiro, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 139. Sorgo forrageiro em regime de sequeiro, Vinhais

É frequente observar os diferentes efetivos pecuários a pastorear as parcelas semeadas com milho e sorgo forrageiro (foto 141). Os produtores de ovinos e bovinos escolhem o sorgo, uma vez que esta cultura é resistente à falta de água e é muito apreciada pelos ruminantes. O milho forrageiro deve ser produzido em terrenos mais fundos e com possibilidade de rega, pois é uma cultura exigente em água ao longo de todo o ciclo vegetativo.

Os produtores procuram recorrer aos concentrados alimentares apenas para o término da engorda dos animais estabulados.



Figura 140. Bovinos mirandeses em pastoreio numa pastagem permanente de regadio, Vila Verde - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 141. Bovinos cruzados em pastoreio numa pastagem temporária de sorgo forrageiro, Vila Verde - Vinhais

O setor pecuário está estável, com os produtores a declarar que fizeram a reposição dos alimentos grosseiros para alimentar os efetivos no período de inverno, ainda que em menores quantidades quando comparadas com o ano anterior. O canal de comercialização da carne continua a manter-se funcional e toda a carne produzida nas explorações é escoada. Encontramo-nos num período do ano em que o consumo de carne aumenta, devido ao aumento da presença humana no território, com a chegada dos emigrantes e do turismo ao Norte do país.

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produtividade dos cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	t	%	t	%	t	%	t	%	t
Entre Douro e Minho	88	93	96	108	0	0	74	5	0	0
Ave	97	20	100	20	0	0	0	0	0	0
Basto	80	6	88	18	0	0	50	2	0	0
Cávado	99	16	100	20	0	0	0	0	0	0
Entre Douro e Vouga	87	20	95	1	0	0	0	0	0	0
Grande Porto	95	9	95	0	0	0	0	0	0	0
Ribadouro	95	4	95	22	0	0	95	4	0	0
Vale do Lima	95	3	100	14	0	0	0	0	0	0
Vale do Minho	54	7	100	5	0	0	0	0	0	0
Vale do Sousa	95	7	95	7	0	0	0	0	0	0
Trás-os-Montes	99	1 882	96	7 655	100	128	100	2 228	102	515
A. Tâmega e Alvão P.	103	55	99	2 367	102	6	98	97	100	11
Barroso	100	14	100	867	0	0	100	5	0	0
Beira Douro e Távora	100	11	94	154	0	0	0	0	0	0
Corgo e Marão	100	3	96	20	0	0	0	0	0	0
Douro Superior	116	43	103	186	130	9	98	41	185	2
Planalto Mirandês	95	938	98	980	106	55	101	1 342	102	296
Terra Fria	90	422	88	2 361	90	35	103	538	100	158
Terra Quente	121	396	105	720	94	24	85	204	106	49
Região Norte	98	1 975	96	7 763	100	128	100	2 233	102	515

Tabela 2. Evolução da produção da batata de sequeiro e regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio		Batata-Sequeiro	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	105	32 173	95	3 994
Ave	105	4 850	100	249
Basto	113	2 845	113	35
Cávado	99	3 845	96	981
Entre Douro e Vouga	106	1 749	96	257
Grande Porto	93	3 063	86	730
Ribadouro	110	6 855	105	60
Vale do Lima	100	2 526	95	1 205
Vale do Minho	100	1 569	100	334
Vale do Sousa	110	4 870	105	143
Trás-os-Montes	101	63 325	102	6 942
A. Tâmega e Alvão P.	100	15 851	100	929
Barroso	100	2 291	100	1 092
Beira Douro e Távora	101	9 523	103	446
Corgo e Marão	104	7 142	101	644
Douro Superior	97	6 129	99	788
Planalto Mirandês	98	5 426	100	1 079
Terra Fria	110	7 701	110	1 371
Terra Quente	100	9 261	100	593
Região Norte	102	95 498	99	10 936

Tabela 3. Evolução da produtividade de milho grão de sequeiro e milho grão de regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão		Milho-Sequeiro Grão	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	96	5 674	97	2 293
Ave	98	5 274	98	1 831
Basto	94	4 091	82	1 674
Cávado	101	6 689	100	3 379
Entre Douro e Vouga	90	6 217	90	2 945
Grande Porto	90	7 948	90	3 715
Ribadouro	87	3 971	80	1 213
Vale do Lima	100	4 019	100	1 546
Vale do Minho	100	5 085	100	1 785
Vale do Sousa	90	6 774	80	1 363
Trás-os-Montes	98	2 875	97	1 025
A. Tâmega e Alvão P.	100	2 704	97	844
Barroso	100	3 413	100	1 093
Beira Douro e Távora	100	2 903	100	1 500
Corgo e Marão	95	2 688	100	1 028
Douro Superior	99	2 909	102	1 138
Planalto Mirandês	95	2 719	93	1 142
Terra Fria	86	2 986	95	921
Terra Quente	104	2 070	112	895
Região Norte	96	5 419	97	1 613

Tabela 4. Evolução da produtividade de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão-de-Bico	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	96	588	0	0
Ave	100	693	0	0
Basto	95	493	0	0
Cávado	100	566	0	0
Entre Douro e Vouga	90	758	0	0
Grande Porto	90	888	0	0
Ribadouro	90	390	0	0
Vale do Lima	100	431	0	0
Vale do Minho	100	583	0	0
Vale do Sousa	94	814	0	0
Trás-os-Montes	100	667	103	698
A. Tâmega e Alvão P.	100	569	102	643
Barroso	100	885	0	0
Beira Douro e Távora	100	944	100	959
Corgo e Marão	100	937	100	750
Douro Superior	100	661	99	741
Planalto Mirandês	100	867	100	780
Terra Fria	110	749	110	726
Terra Quente	99	597	106	546
Região Norte	99	655	103	698

Tabela 5. Evolução da produtividade da maçã e pera e produção de laranja e pêssago, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade				Produção			
	Maçã		Pera		Pêssego		Cereja	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	ton.
Entre Douro e Minho	103	6 330	107	4 411	122	3 316	260	5 770
Ave	105	6 378	104	4 116	104	2 071	131	3
Basto	93	5 660	87	4 696	255	1 713	265	10
Cávado	100	9 319	100	4 386	101	3 069	100	2
Entre Douro e Vouga	100	7 930	100	8 336	100	7 179	1 038	1
Grande Porto	100	6 720	100	6 912	100	6 895	0	0
Ribadouro	120	4 563	129	3 770	445	2 875	261	5 733
Vale do Lima	100	4 569	100	3 457	100	3 929	100	2
Vale do Minho	100	4 113	100	3 479	100	3 001	100	1
Vale do Sousa	106	5 723	152	3 635	527	2 290	226	17
Trás-os-Montes	101	30 185	108	13 380	167	12 889	170	7 113
A. Tâmega e Alvão P.	100	19 787	100	15 794	123	7 229	222	563
Barroso	100	6 316	100	6 750	100	4 000	100	2
Beira Douro e Távora	101	33 335	100	15 104	100	8 943	116	2 860
Corgo e Marão	100	33 287	100	11 944	100	7 399	110	92
Douro Superior	100	24 548	150	16 503	195	22 576	193	1 006
Planalto Mirandês	101	11 908	100	6 409	100	6 312	105	91
Terra Fria	100	11 489	100	4 593	100	1 727	85	197
Terra Quente	100	17 317	105	9 852	195	13 645	421	2 301
Região Norte	101	28 435	108	10 593	162	10 353	201	12 882

Tabela 6. Evolução da produtividade do kiwi e produção de uva de mesa e mirtilo, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade Kiwi		Produção Uva de Mesa e Mirtilo			
	%	Kg/ha	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	117	10 923	115	77	108	4 622
Ave	104	5 535	0	0	110	374
Basto	121	7 302	115	2	164	150
Cávado	104	12 489	0	0	100	448
Entre Douro e Vouga	120	11 102	0	0	95	464
Grande Porto	119	16 963	0	0	110	322
Ribadouro	130	7 609	115	65	110	2 234
Vale do Lima	102	8 011	0	0	100	179
Vale do Minho	100	12 174	0	0	100	113
Vale do Sousa	130	14 181	115	10	110	338
Trás-os-Montes	108	6 659	101	237	101	946
A. Tâmega e Alvão P.	100	4 303	100	29	100	166
Barroso	0	0	0	0	100	4
Beira Douro e Távora	100	6 650	100	22	102	246
Corgo e Marão	0	0	104	23	100	55
Douro Superior	100	7 650	101	19	100	88
Planalto Mirandês	0	0	100	118	103	72
Terra Fria	0	0	105	10	105	89
Terra Quente	129	7 941	100	17	100	226
Região Norte	117	10 915	104	314	107	5 568

Tabela 7. Evolução da produtividade da amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa	
	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	100	866
Ribadouro	100	865
Vale do Sousa	100	866
Trás-os-Montes	129	624
A. Tâmega e Alvão P.	161	668
Barroso	100	139
Beira Douro e Távora	100	368
Corgo e Marão	100	666
Douro Superior	111	551
Planalto Mirandês	105	663
Terra Fria	106	910
Terra Quente	203	665
Região Norte	129	624

Tabela 8. Evolução da produtividade da uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho (mosto)	
	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	109	7 518
Ave	105	18 909
Basto	112	8 760
Cávado	102	5 017
Entre Douro e Vouga	110	3 004
Grande Porto	115	5 530
Ribadouro	115	3 361
Vale do Lima	105	6 262
Vale do Minho	115	7 315
Vale do Sousa	115	5 891
Trás-os-Montes	114	2 146
A. Tâmega e Alvão P.	113	2 399
Barroso	100	1 433
Beira Douro e Távora	103	2 985
Corgo e Marão	118	2 101
Douro Superior	117	1 844
Planalto Mirandês	101	1 410
Terra Fria	108	1 226
Terra Quente	115	4 034
Região Norte	111	3 801